

EDITORIAL

Informações Agrícolas prestadas pela Sociedade Nacional de Agricultura sobre a colonisação

Cascatinha, 10 de maio de 1906.

Illm. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura—Rio.

Prezado senhor.—Peço a fineza de informar-me os preços e condições dos terrenos em Santa Catharina e Rio Grande do Sul, quer para as pessoas que desejam comprar, quer para as que desejam colonisar. Espero merecer esta fineza; e bem assim peço ainda fornecer-me os catalogos necessarios afim de bem estudar a minha melhor conveniencia.

Agradecendo de antemão todos os favores, subscrevo-me verdadeiramente agradecido,

De V. S. amigo muito grato —(Assignado) *Jacob Vieira Christo*.
E. do Rio—Cascatinha.

(COPIA)—Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1907.

Illm. Sr. Jacob Vieira Christo—Cascatinha—Petropolis — Estado do Rio.

Temos o prazer de responder vossa carta de 10 de maio do anno passado, e só agora o fazemos, porque solicitámos de varios Estados as informações que pedistes sobre preços de terras, só tendo recebido as dos Estados de S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, as quaes vos passamos por copia, ficando assim exonerados do compromisso dessas informações.

Somos com apreço e estima vossos attentos e obrigados, (Assignado) *João Baptista de Castro*, Vice-Presidente.

NOTA DOS PREÇOS DAS TERRAS PARTICULARES OFFERECIDAS POR INTERMÉDIO DA AGENCIA OFFICIAL DE COLONISAÇÃO E TRABALHO — DO ESTADO DE S. PAULO.

42 alqueires de terras roxas de 1ª qualidade	
em Boa Esperança por	150\$000 o alqueire (*)
62 alqueires de terras para culturas em	
Itapira por	12:000\$000

(*) O alqueire paulista corresponde a 24.200 metros quadrados.

18 alqueires de terras para culturas em Serra Negra por	8:000\$000	
22 alqueires de terras para culturas (cereaes) em Cotia por	3:500\$000	
200 alqueires de terras para culturas (café) em Santa Cruz da Boa Vista por.	300\$000	o alqueire
146 alqueires de terras superiores em Lagôa por	15:000\$000	
790 alqueires de terras superiores em S. Sebastião a.	27\$500	o hectare

Em Jorge Tibiriçá e Nova Odessa de 40\$000 a 60\$000 por hectare, em Pariquera-assú de 9\$000 a 12\$000 o hectare.

Confere.—*Luiz Ferraz*, chefe de secção—16-10-06.

Collecção de Leis do Estado de Santa Catharina — 1901

LEI N. 523 — DE 4 DE SETEMBRO DE 1901

Altera a tabella de preços para venda de terras publicas

O tenente-coronel Felipe Schmidt, Governador do Estado de Santa Catharina—Faço saber a todos os habitantes deste Estado que o Congresso Representativo decreta e eu sanciono a Lei seguinte:

Art. 1º. — A tabella de preços para venda das terras publicas, constantes da Resolução n. 37, de 11 de março de 1899, approvada pela Lei n. 439, de 11 de outubro do mesmo anno, fica alterada no seguinte modo:

TABELLA DE PREÇOS MINIMOS

1º. Terras medidas e divididas por conta do Estado; a) Em lotes urbanos, 4 réis por metro quadrado; b) Em lotes ruraes, de 1ª ordem 2,5 réis por metro quadrado; de 2ª ordem 2 réis por metro quadrado; de 3ª ordem 1,5 réis por metro; incluindo-se nestes preços o custo da medição.

2º. Terras não medidas ou demarcadas:

a) de 1ª ordem, 1,5 réis por metro quadrado;

b) de 2ª ordem, 1 real por metro quadrado;

c) de 3ª ordem, 1/2 real por metro quadrado.

§ 1º—O custo da medição correrá por conta do comprador.

§ 2º — Quando as terras de 3ª ordem forem reconhecidamente es-
tereis para agricultura, de modo que só possam ser aproveitadas para a
industria pæcuaria ou mineralogica, o preço será 1/4 de real por metro
quadrado.

§ 3º — Continuam em vigor as mais disposições da Resolução e Lei
citadas.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim o faça
executar.

Palacio do Governo em Florianopolis, 4 de setembro de 1901.

FELIPPE SCHMIDT.

MARCIANO F. DE SOUZA.

Publicada a presente Lei aos 4 dias do mez de setembro de 1901.
— *Patricio Luiz Mendes.*

Rio Grande do Sul — Regulamento das Colonias do Estado

DECRETO N. 247 — DE 19 DE AGOSTO DE 1899

Paginas 6 a 8 — Capitulo 3º — Preço das terras — Distribuição, concessão e venda de lotes.

Art. 19. O preço dos lotes medidos para cultura não será inferior
a um real por metro quadrado, fazendo-se o arbitramento segundo a
qualidade das terras e a situação.

Art. 20. O preço dos lotes urbanos, arbitrado segundo tambem a
posição e qualidade, será no minimo de 20 réis por metro quadrado nos
novos nucleos e de 40 réis nas colonias actuaes.

Art. 21. Os lotes rusticos serão concedidos aos immigrants recém-
chêgalos e, precedendo despacho do Governo, a brasileiros ou a ex-
trangeiros com familia, já residentes no Estado, cujos antecedentes e
costumes afiancem o aproveitamento das terras.

Art. 22. A cada individuo não se concederá área maior da de
um lote, salvo os casos adeante especificados ou quando contigua ao
lote houver uma sobra insufficiente para constituir novo lote ou que
não possa ser aproveitada para o estabelecimento de outro agricultor.

Art. 23. Na hypothese do art. precedente a sobra será concedida
ao possuidor do lote a que ficar contigua ou, havendo mais de um
confinante, repartida entre elles equitativamente, correndo por sua
conta a despesa da medição.

Art. 24. Na medição e demarcação de lotes attender-se-á a pequenas posses por ventura estabelecidas antes de 15 de novembro de 1889, concedendo-se, conforme a extensão cultivada, a cada possessor, um ou dois lotes, sem direito de maior area.

Art. 25. Ao colono que tiver numerosa familia, de mais de dez membros, reunidos sob o mesmo tecto, para a qual se torne insufficiente a area de um lote rural, poder-se-á conceder outro lote, desde que fiquem contiguos os dois lotes ou separados por distancia nunca maior de um kilometro.

Art. 26. Os filhos dos colonos, maiores de 21 annos, quando constituam familia propria, terão direito á concessão de lotes para se estabelecerem separadamente, devendo requerer ao Governo a concessão.

Art. 27. As terras de um nucleo que não se prestarem para a cultura e somente forem proprias para pastagem, depois de divididas em lotes, serão, pelo preço minimo, concedidas a colonos que tiverem animaes ou vendidas a individuos que queiram nella estabelecer-se com criação.

Parapho unico. A cada pessoa não se fará concessão ou venda de mais de dois desses lotes.

Regulamento para execução da Lei n. 173 de 30 de setembro de 1895, mandado executar pelo Decreto n. 129 de 29 de outubro de 1900—Terras Publicas e Colonisação, pags. 17 a 18.

Art. 60. Aos immigrants espontaneos que procurem terras no Estado pode o Governo conceder lotes de 25 a 30 hectares, pelo preço minimo da lei (Lei n. 439 de 1899, n. 7 da Resolução n. 37).

Art. 61. Os colonos, á sua chegada, poderão escolher livremente o ponto colonial do Estado a que derem preferencia, pagando á vista o lote que designarem.

Para os que comprarem a prazo se addicionará ao preço marcado 20 % e será o pagamento feito em cinco prestações eguaes a contar do fim do segundo anno do seu estabelecimento, mas dentro dos cinco annos concedidos. O colono, porém, que pagar antes dos respectivos vencimentos terá um abatimento de 6 % correspondente ao total da prestação ou prestação antecipada.

Art. 62. Os filhos maiores de 18 annos terão direito á escolha de lotes com as mesmas condições para se estabelecerem separadamente, se assim o requererem.

Art. 63. Os lotes serão entregues, medidos e demarcados e, quando o colono não puder pagar de prompto a medição, ser-lhe-á incluída no custo do lote e sob as mesmas condições.

Art. 64. Na hypothese de compra a prazo, o colono não poderá sujeitar a *onus real*, de qualquer natureza que seja, nem as terras nem as bemfeitorias nellas existentes, ficando umas e outras hypothecadas á Fazenda Estadual, para pagamento de todas as quantias que dever ao Estado e das multas em que incorrer. Fica entendido que não se comprehendem nesta disposição os casos de herança, legitima ou testamentaria ou legado, nos quaes passará a propriedade para o herdeiro ou legatario com o mesmo *onus* da hypotheca.

Art. 65. Aos colonos que comprarem a prazo será dado um titulo provisorio, no qual se declarará que, além das condições nelle estatuidas e o juro annual de 6 % pela móra, poderá o Governo levar o lote á hasta publica, findo o prazo do pagamento, para satisfação de sua divida, ao Estado, sem reclamação alguma de sua parte, sendo-lhe entregue o excesso da divida, deduzidas as despezas feitas na forma do art. 66.

Art. 66. Todo colono que, dentro de 2 annos, contados da data em que for empossado do lote comprado, não tiver n'elle estabelecido cultura effectiva e morada habitual, perderá o direito ao mesmo lote, o qual, precedendo os competentes annuncios, será vendido em hasta publica.

Do producto da venda se deduzirá, em primeiro logar, a importancia do que ao Estado estiver devendo o colono remisso, e em segundo logar a de quaesquer outras dividas provadas a que esteja sujeito, e se restar alguma quantia será entregue ao dito colono e, em sua ausencia, immediatamente recolhida ao Thesouro do Estado.

A todo tempo e da mesma forma se procederá a respeito dos lotes rusticos ou urbanos, cujos possuidores os deixarem em abandono por mais de dois annos.

Rio, 1 de dezembro de 1905.

Illm. Sr. Herculano Fernandes Pereira.

Porto do Bomfim — Linha auxiliar da E. F. C. do Brasil.

O grande e incessante accumulo de serviços urgentes impediu-nos de, ha mais tempo, transmittir-vos as informações solicitadas em vosso requerimento apresentado a esta Sociedade. Fazemol-o agora, mercê de um periodo de folga, pedindo-vos queirais relevar-nos a demora havida.

Eis em seguida o que se nos offerece dizer-vos.

A seda em casulos ainda não p<ê>de encontrar comprador em nosso mercado : em primeiro lugar, porque n<ã>o existem filanderias entre n, pois n<ã>o \acute{e} razoavel que alguem v \acute{a} empatar capitaes numa industria em que falta a materia prima — a seda em casulos ; em segundo lugar, sendo a seda em casulos um producto de pre \acute{c} o relativamente baixo na Europa, onde \acute{e} paga \acute{a} raz \tilde{a} o de 3 a 4 francos o kilo, o que equivale em moeda nossa a 1\$500 e 2\$, \acute{e} evidente que ter \acute{a} de ser vendida aqui para export \tilde{a} o a um pre \acute{c} o muitissimo inferior aos que acabamos de indicar. Outra raz \tilde{a} o que impede haja comprador para seda em casulos \acute{e} que negociante algum se dar \acute{a} ao trabalho de expedir daqui s \acute{o} mente alguns kilos de um producto que se vende \acute{a} s toneladas.

Infelizmente, enquanto o poder publico — federal, estadual ou municipal — n \tilde{a} o tomar a delibera \tilde{c} o de impulsionar essa importantissima industria, subvencionando e dirigindo estabelecimentos destinados \acute{a} propaganda, ensino, fia \tilde{c} o, tecelagem, etc., etc., ha de ser impossivel a cria \tilde{c} o da industria sericicola entre n.

Estamos nos empenhando fortemente junto ao Congresso Nacional e temos esperanças de conseguir auxilios efficazes para essa industria, de modo a ser possivel o seu desenvolvimento, a partir do anno proximo futuro. N \tilde{a} o ha, portanto, motivo para desanimar e sim proseguir em vossos esfor \tilde{c} os.

Quanto \acute{a} cultura do algodoeiro, chamamos vossa aten \tilde{c} o para a inclusa monographia publicada por esta Sociedade, onde colhereis as informa \tilde{c} oes que desejaes.

Tratando da apicultura, ha numerosos trabalhos, sendo em portuguez o de Manoel Alves Branco, e em francez — *Les Abeilles* — por Fr \acute{e} re Alb \acute{e} ric, e — *Les Abeilles* — por Victor Rendu, al \acute{e} m de muitos outros.

Desejando que estas informa \tilde{c} oes vos possam ser de alguma utilidade, somos com estima e considera \tilde{c} o

Attentos servidores obrigados, etc.

Em 14 de fevereiro de 1907.

Illm. Sr. Emilio G. Dufaur.

Estac \tilde{a} o de Rezende — E. F. C. do Brasil.

Respondendo a vossa carta datada de 3 do corrente mez, temos a vos communicar que o pedido que nos fizestes de mudas de laranja mandarina n \tilde{a} o poder \acute{a} ser satisfeito sem um requerimento dirigido a esta Sociedade, no qual deveis solicitar a remessa dessas plantas.

As sementes de alfafa e capim jaraguá, esperamos remettel-as opportunamente.

Quanto ás informações que nos pedistes sobre forragens para o sustento de vaccas leiteiras, temos a vos dizer que reputamos de boa qualidade a canna Taquara, Ubá ou Serra Negra, nomes communs da mesma planta ; assim como indicamos o milho para ser comido como forragem verde, ensilado ou em fubá. Estas duas gramineas, tratadas pelo desintegrador universal «Carlos Botelho», são economicas e muito digestiveis.

Além destas duas forragens, ricas em hydratos de carbono e graxa, indicamos ainda uma leguminosa, podendo esta ser ou a alfafa ou o trevo, feijão miúdo, fava ou qualquer outra.

Essas leguminosas, passadas pelo desintegrador acima indicado, o gado as devora com avidéz. Tambem as ramas de batata doce são excellente forragem para vaccas leiteiras ; pelo que achamos conveniente aproveitall-as.

Aguardando vossas ordens, etc.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1906.

Illm. Sr. Francisco José de Faria Sobrinho.

Maria da Fé — E. de Minas.

Temos presente vossa carta datada de 2 do corrente mez, em a qual nos enviastes a quantia de 20\$ (vinte mil réis), solicitando a remessa de 20 caixas de batatas.

Em resposta, temos a communicar-vos que ainda não haveis pago nenhum semestre, sendo a quantia que nos enviastes destinada ao pagamento de vossa annuidade correspondente ao anno de 1906.

Outrosim, participamo-vos que foram inscriptos como socios desta Sociedade os Srs. José Francisco de Faria Junior e José Clemente Muga, que nos propuzestes, o que agradecemos.

Quanto ás batatas, não as temos para distribuição neste exercicio. Esperamos recebell-as para o anno proximo, não nos sendo, no emtanto, possivel satisfazer-vos, devido á quantidade que nos pedistes. Não possuimos actualmente o «Carpinteiro Americano» e nem outro qualquer catalogo relativo ao mesmo assumpto.

Aguardando vossas ordens, somos com estima e distincta consideração vossos

Attentos obrigados, etc.

Rio, 22 de setembro de 1906.

Illm. Sr. Lindolpho Xavier.

Bello Horizonte.

Accusamos o recebimento de vossa carta de 25 de julho e lamentamos não vos poder ser uteis, pois que não possuímos trabalhos de que faz motivo a vossa carta; entretanto lembramo-vos os trabalhos de André Rebouças, onde podereis colher informações, e bem assim um opusculo do engenheiro civil, Sr. Dr. Huascar, empregado da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo.

E' o que vos podemos informar, attendendo ao vosso pedido.

Aguardando vossas ordens, somos com estima e consideração,
VOSSOS

Attentos obrigados, etc.

Friburgo, 12 de fevereiro de 1907.

Illm. Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Tendo feito em minha chacara, em Friburgo, plantações de sementes distribuidas por essa Sociedade, é-me grato communicar-vos o resultado que obtive, certo de que vos interessará.

Com esse intuito, melhor não poderei fazer que remetter-vos um exemplar de uma abobora que obtive de um pé que produziu tres analogas. Nessas condições, amanhã remettel-a-ei pelo trem que ahí chega á Prainha ás 7 horas da noite (barca); irá destinada á Sociedade, a quem rogo a fineza de expol-a na Hortulania ou onde convier.

Tem o peso de 37 kilogrammas e foi colhida cedo demais, pelo receio de que as ultimas chuvas a deteriorassem.

Por estes dias careço de communicar-vos o resultado optimo que temos obtido com a plantação da batata *Solanum Comersoni Violoceum*, o que não irá fóra de proposito, pelo que li em o ultimo numero d'*A Lavoura*.

Sem mais, aqui fico ao inteiro dispor.

De V. S.

Criado admirador,

DR. GALDINO VALLE (FILHO).

O problema da produção industrial do trigo no Brasil

Sobe a perto de 16.000.000 esterlinos ou cerca de 250.000:000\$, ao cambio de 15 dinheiros por mil réis, a somma que a Nação Brasileira dispendeu, no curto lapso dos seis annos que se contam de 1901 a 1906 inclusive! Essa volumosa somma escoou-se das algibeiras brasileiras, foi-se incorporar á fortuna estrangeira, em puro detrimento da nossa! E dizer que dispendemos tão fantastica somma em troca, não de objectos dispensaveis, sinão em troca do que é mais necessario á vida do homem — em troca do *pão nosso de cada dia, que se faz com trigo* — cereal este que um brasileiro respeitavel e illustre por tantos titulos qualifica de «mais importante de quantas plantas o homem tem cultivado. O seu producto — o pão — é o symbolo da subsistencia humana e representa realmente, ao mesmo tempo, um dos alimentos mais completos e saudaveis e dos que estão mais ao alcance de toda a humanidade. A cultura do trigo é uma arte que provoca em varios sentidos o aperfeiçãoamento da intelligencia, ao mesmo passo que estimula os sentimentos de previsão e economia, sem excitar o egoismo e a ambição, inseparaveis de outras mais ricas em apparencia.

Os cultivadores de trigo gosam em todo o mundo de mais solido bem estar, de mais saude, de mais alegria, de mais felicidade, emfim, do que os proprios descobridores de ouro e diamantes.

Um dos mais preciosos dons materiaes que uma nação pôde desejar é o de habitar um solo que se preste á cultura do trigo». (1)

E' tão imperiosa a necessidade de se implantar, de vez e quanto antes, em territorio brasileiro, a cultura do trigo, que o mesmo estadista cujas palavras acabo de transcrever assim se exprime, em carta dirigida ao modesto signatario destas linhas, a qual veiu aqui publicada, em o numero correspondente ao mez de outubro de 1903 :

«Penso, diz o Sr. Dr. Assis Brasil, e com toda a convicção e com todas as veras, que não ha obra mais digna do patriotismo intelligente, nem mais urgente dever de publica administração que a tentativa methodica, tenaz, constante, até esgotar os ultimos recursos da sciencia e da experimentação, para dar á nossa terra essa convicção essencial de independencia, a base da alimentação — o pão.»

Accordes com o modo de pensar do illustre Dr. Assis Brasil, affirmam publicistas de nomeada mundial que o ferro, o carvão e o trigo constituem solido baluarte para as nações que os produzem.

Não obstante vozes tão autorisadas proclamarem a importancia do trigo como o mais solido esteio para as nações, o Brasil, que possui todos os climas culturaveis do planeta, não produz o trigo, que dá o pão quotidiano, sendo obrigado, para tel-o, a dispendir annual-

(1) Assis Brasil — *Cultura dos Campos* — Pag. 157.

mente a respeitavel somma de £ 2.666.000 ou cerca de 40.000:000\$ em moeda nacional!!!!!!

Ha, porventura, algum obstaculo invencivel que se opponha á acclimação da cultura do nobre cereal em terra brasileira ?



Ceifadora de trigo, centeio, cevada, aveia e arroz

— *Os factos*, e estes abundantissimos e fidedignos, respondem de modo categorico, affirmando a possibilidade do cultivo industrial do trigo no territorio nacional. Ouçamos a logica irrespondivel dos factos.

Augusto de Saint Hilaire, em suas viagens pelo Brasil, observa que, em Minas Geraes, pelos annos de 1817, era muito frequente a cultura do trigo. Os agricultores plantavam-no em abril, seguindo os processos usuaes do paiz, isto é, roçando, queimando e plantando em covas abertas a enxada, distanciadas de um a dous palmos entre si, nas quaes deitavam quatro a cinco grãos. Colhia-se então muito bom trigo em Abaeté, em terras da bacia do Indayá, affluente da margem esquerda do rio S. Francisco. Viu Saint Hilaire em Registro Velho, perto da Borda do Campo (hoje Barbacena), bellissimos trigaes, que muito promettiam. Disseram-lhe então que o trigo rendia 30 por um em Guanhões e 17 por um na serra da Piedade, perto de Sabará.

Com o trigo produzido em Piedade abasteciam-se Sabará, Ouro Preto e Marianna. Minas Novas tambem possuia cultura de trigo. « No Rio Vermelho, perto desta ultima cidade norte-mineira, viu-se o producto inacreditavel de um grão de trigo dar 60 espigas cheias! As mattas circumvisinhas do Alto dos Bois e toda a região comprehendida entre Serro e Peçanha convinham excellentemente á cultura do trigo, por serem de terras elevadas. »

Quem transcreve estas linhas lembra-se de ter visto, pelos annos de 1880, bellos canteiros de trigo em uma fazenda da bacia do Rio Paraopeba, affluente da margem direita do S. Francisco. Em uma das fazendas daquella uberrima zona mineira, pouco distante de Bello Horizonte, era commum a cultura da cevada e centeio, sendo a daquella

em canteiros, na horta, para misteres medicos, e a deste ultimo em larga escala, para o fabrico das appetitosas bréas de centeio, com que a senhora do proprietario da fazenda a que alludo abastecia duas povoações vizinhas.



Um canteiro de trigo em S. Paulo

Este cereal dava-se admiravelmente bem em terras frescas, onde se planta communmente feijão ou arroz. Semeava-se de abril a maio inclusive.

Segundo me relatou o Sr. coronel João Martiniano de Negreiros, na fazenda do Rosario, do finado Dr. João Capistrano de Macedo Ackim, no municipio de Christina (Sul de Minas), este saudoso fazendeiro plantou em um sitio da sua fazenda denominado — Pouso Frio — cerca de seis alqueires de trigo e colheu para mais de 500.

O saudoso senador Theophilo Ottoni, de passagem pela fazenda do Dr. Ackim, teve occasião de comer do pão feito com trigo colhido por aquelle adiantado fazendeiro.

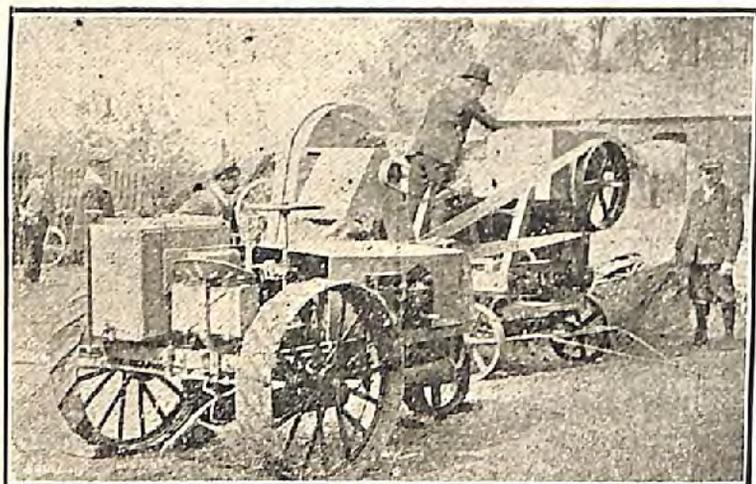
Muitos outros pontos do municipio de Christina têm ensaiado a cultura do trigo, destacando-se dentre outros os chamados—Picú, Bocaina, Fazenda de S. Francisco etc. — onde ainda hoje se ensaia o plantio do nobre cereal.

Fóra de Minas (cujo clima e solo se prestam, como é notorio, ao cultivo de todas as plantas européas) em zonas de clima mais quente, ha tambem exemplos do plantio e colheita de trigo. Assim em Pernambuco, no municipio de Bonito, um portuguez, o Sr. Antonio Joaquim Barbosa, plantou, em 1870, uma pequena lavoura de trigo e colheu porção bem animadora, que deu para ser panificada. O municipio de Bonito está situado a 8° 30' e 25" de latitude e 8° 25" de longitude do meridiano do Rio de Janeiro.

Bonito está a 480 metros acima do nível do mar. Seu clima é temperado e bastante humido no inverno.

Não longe de Pernambuco, em Alagoas, na cidade de Viçosa, outrora villa da Assembléa, no valle do Parahyba, a 100 kilometros distante do mar approximadamente, cultivou-se trigo em escala industrial, entre 1840 e 1850, sendo os grãos reduzidos a farinha em um moinho existente em Viçosa, cujas pedras ainda em 1892 se encontravam em poder do capitão Jeronymo Teixeira, collecter naquella cidade.

A cultura do trigo e o fabrico da farinha deste extinguiram-se em Viçosa com a morte do agricultor portuguez que explorava aquella industria.



Desgranadora de trigo, centeio, cevada, aveia e arroz

Dos sertões da Bahia, isto é, de Montes-Altos e Rio das Contas, já vieram trigos que figuraram em publica exposição.

Quanto a Goyaz, desde os tempos coloniaes que alli se ensaia o cultivo do nobre cereal. O marechal Raymundo da Cunha Mattos, em seu—*Itinerario de Goyaz ao Pará*—affirma que « era excellento o trigo que se produzia em Cavalcante (localidade goyana que fica na chamada Chapada do Viadeiro, a uma altitude de cerca de 1000 metros acima do nivel do mar.)

Cultivam ainda actualmente o trigo em Santa Luzia, trigo este, no dizer do Dr. Glaziou, muito degenerado.

Em Bomfim, no mesmo Estado, o major Antonio Bertholdo de Souza, parente do tenente Henrique Silva, já mais de uma vez tem fabricado farinha de trigo plantado e colhido em sua propriedade. Neste momento o Sr. Luiz Guedes de Amorim, residente na capital de Goyaz, está ensaiando a cultura do trigo em sua fazenda do Capim Paba, á margem do rio Urubú, perto da capital. »

O Sr. Dr. Domingos dos Santos, no patriotico e nobre intuito de despertar a attenção dos agricultores e dos poderes publicos para a cultura necessarissima do trigo, publicou, pela imprensa diaria da capital da

Republica, um interessante quadro estatístico, por onde se demonstra que o Rio Grande do Sul já foi região exportadora de trigo, até para os países vizinhos do Rio da Prata, que hoje, por uma anomalia deprimente, nos mata a fome, abastecendo-nos de pão!

« O Rio Grande, diz o Dr. Domingos dos Santos, já foi o celeiro de trigo dos Estados Unidos, Havana e Rio da Prata. Todos esses países, com excepção de Cuba, são hoje exportadores de trigo e nós seus tributários!

O período auro da cultura do trigo no Rio Grande foi do fim do ultimo quartel do século XVIII a meados do século passado.

O seguinte quadro de suas exportações, extrahido de documentos officiaes, assim o demonstra:

Annos	Quantidades
1790 em grão	73.044 alqueires
» em farinha	3.715 arrobas
1791 em grão	107.298 alqueires
» em farinha	3.313 arrobas
1792 em grão	109.738 alqueires
» em farinha	2.608 arrobas
1793 em grão	85.854 alqueires
» em farinha	1.017 arrobas
1805 11.106 sacros	158.775 alqueires
1806 12.293 surrões	97.588 »
1807 (*) 14.468 »	119.382 »
1808 13.905 »	115.708 »
1816	226.981 alqueires
1817	109.446 »
1818	55.237 »
1819	122.218 »
1820	99.640 »
1821	118.762 »
1822	37.362 »

O quadro supra apresenta soluções de continuidade, que se podem attribuir ás más colheitas, á falta de navios para o transporte do trigo e á omissão dessa exportação na correspondencia official, existente no nosso archivo publico. Em todo caso, prova com a maior evidencia que, de 73.044 alqueires subiu a 226.981, e depois começou a declinar, até que se extinguiu por completo.

(*) « Nesse anno foi o Rio Grande elevado a capitania geral.

Esse quadro é em parte extrahido das Memorias economico politicas do finado e benemerito rio grandense, o saudoso Dr. Antonio José Gonçalves Chaves, do periodo de 1816 a 1822. A outra parte, a anterior ao anno de 1816, consta do archivo publico da correspondencia do brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, o primeiro brasileiro elevado pelos seus relevantes serviços ao posto de general no regimen colonial; foi-me gentilmente offerecido pelo seu prozado patricio, o Sr. Tito Livio Rodrigues. »

No Rio Grande attribuiu-se o facto á ferrugem, mas sendo essa como se sabe, uma molestia (cryptogamica) que se pode sempre eliminar, immergindo os grãos, antes da sementeira, em uma solução de sulphato de cobre, ou melhor, de agua de cal, não me parece que fosse essa a principal razão. Essa ciltura, apesar de pouco intelligente, pois plantavam sempre nos mesmos lugares, não dando aos terrenos o indispensavel pousio (sideração) como se pratica em toda a parte, foi, entretanto, para as forças productivas de consumo d aquella época, o principal producto nas exportações do Rio Grande. O gado vaccum, tendo um pequeno valor, era preciso que o trigo occupasse o primeiro lugar. Mas, desde que aquelle cresceu de valor, coincidindo esse accrescimento com o apparecimento da ferrugem, estando a industria pastoril mais nos habitos da população rio-grandense, esta baniu por completo a lavoura do trigo. Esta, porém, se impõe á União e ao Estado! »

Reunindo factos tendentes a demonstrar a adaptabilidade da cultura do trigo a varias zonas do immenso territorio nacional, o mesmo Dr. Assis Brasil accrescenta o que passo a transcrever, tomado do seu ultimo compendio já citado—*Cultura dos Campos*: — « O engenheiro inglez Lloyd, em seu relatório publicado em 1875 sobre a estrada de ferro do Paraná ao



Fig. X Cultura do trigo na Colonia Nova Odessa, em S. Paulo

Matto Grosso, diz que as condições de temperatura, no Paraná, são extremamente favoraveis a quasi todos os productos agricolas, desde os cereaes até as madeiras que caracterizam a flora do norte da Europa. Assim nas zonas superiores do Paraná encontrou elle, no maior vigor, florestas de pinho (*Araucaria Brasiliensis*), a batata inglesa, o centeio, a cevada, o trigo. »

Na mesma página da obra supracitada vêm estas notas: « O Sr. engenheiro Alves Lima, do Estado de S. Paulo, afirma-me, baseado em documentos que tem consultado e na tradição, ainda hoje viva, que, pelos princípios do século XIX, ainda se cultivava trigo em grande abundância no planalto paulista, principalmente no território do actual município de S. Roque, não longe da capital.

O Sr. Bernardino Lopes de Oliveira, actual vice-consul do Brasil em Alcobaga, Portugal, que residiu em Pernambuco, desde 1847 até 1864, assegurou-me que viu trigo cultivado naquella antiga provincia, em pequena escala, mas de boa qualidade, umas 50 leguas longe de Recife, no lugar denominado S. João do Pesqueiro. »

Presentemente em S. Paulo os ensaios de cultura de trigo realizados na futura colonia Nova Odessa, sobre a Estrada Ferro Paulista, deram os melhores resultados, sendo possível que aquella cultura seja explorada em larga escala pela nascente colonia. (Vide fig. X, pag. 14.)

A sciencia desde ha muito estabeleceu as condições mesologicas que mais convêm ao trigo. Como terreno, todos os terrenos cultivaveis lhe convêm mais ou menos bem, desde que o ambiente atmospherico reuna os requisitos thermicos e udometricos de que o trigo carece. Só lhe não convêm: 1º, as *terras arenosas*; 2º, as *quartzosas*; 3º, as *terras turfosas*; 4º, as *terras acidas* em geral e, tambem, 5º, as *terras gneissicas*; todavia as da 3ª, 4ª e 5ª categorias, quando corrigidas chimica e mecanicamente, podem produzir bellas messes, compensadoras de trabalho e dinheiro.

São as melhores terras para trigo as de alluvião silico-argilosas, as silico-calcareas, as calcareas-silicosas, as argilo-calcareas e as calcareas-argilosas. Em synthese, segundo Joulie, são boas terras para trigo as que dosam 2 1/2 % de potassa e 1 a 2 % de acido de phosphorico. (*)

Sabe-se de sobejo quaes são as exigencias alimentares do trigo. Assim, segundo Boussingault, 1.000 kilogrammas de grãos e palha do precioso cereal retiram do solo:

	Grammas
Azoto.	9.900
Acido phosphorico	5.200
Acido sulfurico	500
Cal	8.000
Potassa	36.100
Soda	6.600

Portanto, segundo estes dados, uma colheita de 1900 kilos de grãos (25 hectolitros) e 4700 kilos de palha por hectare (10.000^{m²}) retiraria da terra:

54.560	grammas de	azoto.
26.390	»	» acido phosphorico.
6.400	»	» sulphurico.
33.480	»	» potassa.
6.780	»	» soda.
12.360	»	» cal.

(*) Nota. O signal % significa tanto por mil.

Um outro analysta agronomico, de invejavel nomeada — o Sr. Joulie, — depois de uma serie innumeravel de analyses, estabeleceu estes algarismos referentes a 1.000 kilogrammas de grãos e palha de trigo :

	Minimum	Maximum
Azoio	10,08 %	15,10 %
Materia mineral	37,15 »	75,25 »
Silica	9,74 »	53,30 »
Potassa	3,47 »	20,07 »
Cal	1,80 »	4,71 »
Acido phosphorico	3,15 »	8,86 »
Acido sulfurico	0,72 »	5,53 »

Das analyses supra transcriptas resulta que a cultura do trigo requer do solo farta dose de silica, potassa, cal, azoto e acido phosphorico.

Damos a seguir a composição de algumas terras afamadas, como produtoras de trigo. Começando pelas celebres terras negras da Russia (*tshernozem*). Segundo Philippe, chimico inglez, as terras negras da Russia teriam a seguinte composição centesimal :

Silica	69,8 %
Aluminio	13,5 %
Oxydo de ferro	7,0 %
Cal	1,6 %
Terra vegetal	6,4 %

Grandeau, analysando a mesma *tshernozem*, achou os numeros que passamos a transcrever:

	a	b	c	d
Acido phosphorico	0,21 %	0,16 %	0,052 %	0,086 %
Potassa	1,13 %	0,25 %	0,283 %	0,430 %

Vem tambem a pello citarmos algumas analyses concernentes ás terras da Republica Argentina, paiz vizinho, de clima e solo semelhantes aos nossos e que nos abastece com o seu valioso grão.

Os dados sobre as terras argentinas, fomos pedir-os ao trabalho substancioso do engenheiro agricola, Sr. Raña. Merecem, pois, inteiro credito.

Potassa	0,124 %	0,129 %
Cal	0,165 %	0,142 %
Acido phosphorico	0,023 %	0,021 %

Para confronto com as terras argentinas, aqui damos a composição centesimal de algumas terras brasileiras, segundo Wolf e Grandeau:

	Cal	Potassa	A. phosphorico
Terra roxa (Wolf)	0,086 %	0,060 %	0,036 %
Terra vermelha (Wolf)	0,195 %	0,118 %	0,015 %
Terra massapé (Grandeau)	0,110 %	0,118 %	0,013 %

As analyses por ultimo expostas mostram que as nossas terras pouco se afastam das boas terras argentinas, podendo, portanto, como estas, produzir excellente trigo, sem addição de correctivo algum, como ainda por lá o fazem.

Si as nossas terras são chimicamente aptas para produzir trigo, tambem o nosso clima o é, pelo menos do centro do paiz ás fronteiras meridionaes.

Sabe-se com segurança que a planta do trigo exige, para o complemento de todas as suas phases vegetativas, uma somma de grãos calorimetricos variavel de 1.600° a 2.400°. Ha, portanto, variedades que necessitam maior quantidade de calorías do que outras, assim como tambem existem variedades que mostram exigencias differentes com referencia á composição chimica do solo.

Entre os paizes productores de trigo, alguns ha que possuem clima muito mais quente do que o nosso e, no entretanto, foram no passado o celeiro do mundo e ainda produzem trigo em abundancia. Haja visto ao Egypto, Tunís e Algeria. O clima do Egypto, por exemplo, segundo observações tomadas no Cairo, accusa a temperatura media invernall de 14,7 centigrados, e a estival de 29°,6.

Caracas, que tambem produz trigo, tem uma temperatura média invernall de 20°,9 e a estival de 23°,4.

Consultando alguns documentos relativos ao nosso clima, acharemos os seguintes dados que cabalmente demonstram quanto o nosso meio convem á cultura do trigo.

Assim, segundo o *Beiträge zur Klimatologie der südlichen Staaten von Brasilien*, do Dr. Ernst Ludwig Vofs:

	Média thermica estival	Média thermica invernall
Curitiba	20,9 ^{oc}	12,8 ^{oc}
Blumenau	25,6»	17,0»
Joinville	26,1»	17,6»
Porto Alegre	25,2»	14,3»
Pelotas	22,8»	12,9»

Na impossibilidade de transcrever todos os dados que se amontoam no boletim do *Serviço Meteorologico do Estado de S. Paulo*, passamos para aqui somente as médias annuaes do calor de algumas cidades mais conhecidas:

	Média de verão	Média de outono	Média de inverno	Média de primavera
Piracicaba	22,6 ^{oc}	20,2 ^{oc}	217,8 ^{oc}	20,0 ^{oc}
Itú	23,9»	21,3»	17,5»	20,3»
Tatubá	23,1»	20,3»	16,7»	19,9»
Campinas	22,4»	20,1»	17,2»	20,0»
S. Paulo	20,4»	18,2»	15,0»	17,7»
Cunha	21,7»	18,4»	15,0»	17,7»

Ora, sabendo-se que se cultivam os cereaes europeus, entre nós, durante os mezes que vão do fim do outono ao fim da primavera, fica patente, em presença dos dados thermicos acima expostos, quanto o nosso clima convem á cultura do trigo.

Por outro lado as chuvas que, quando abundantes, tanto prejudicam o trigo, decrescem entre nós (do centro ao sul do paiz) do outono á primavera, havendo então, neste periodo do anno, noites e manhãs frescas, irrigadas de abundantes orvalladas, tão proprias ás plantas que cultivamos habitualmente nessa época.

Assim, pois, achadas as variedades de trigo que mais convenham ao nosso clima e solo, a acertada a verdadeira época de plantio, conhecidas, em summa, as exigencias da planta, quanto ao clima, solo, pragas etc. etc., (não resta duvida) a cultura do trigo ainda virá a ser uma farta fonte de largos proventos de ordem moral e material para a nossa nacionalidade! O que é preciso para a consecução de tão alevantado *desideratum* é a *intervenção energica, convicta e constante dos Poderes Publicos*. Sem esta, seria inutil e até criminoso lançar-se o particular em tentativas que acarretam despezas, ás mais das vezes, sinão sempre, inuteis e até damnosas para quem as supporta! Não é funcção do individuo fazer experiencias em beneficio da commuidade, é sim funcção do Estado e só do Estado! A este, pois, incumbe tentar a resolução do magno problema, de que, até certo ponto, dependem os nossos destinos nesta parte do continente. Convença-se, pois, quem de dever e direito, de que *«não ha obra mais digna do patriotismo intelligente, nem mais urgente dever de publica administração, que a tentativa methodica, tenaz, constante, até esgotar os ultimos recursos da sciencia e da experimentação, para dar á nossa nacionalidade essa condição essencial de independencia, a base da alimentação — o pão»*. E' assim que doutrina um dos homens publicos mais completos do novo regimen governamental.

Está decretada a criação de um departamento tecnico federal para o estudo e resolução dos problemas que entendem com a agricultura, industria e commercio. Que o seu futuro titular, inspirando-se nos prudentes e sabios conselhos de Assis Brasil, tome decididamente a peito, como uma obrigação patria, a resolução do *magno problema da producção do trigo em territorio brasileiro*. Que meça, como todo homem culto deve medir, as responsabilidades futuras, no dia em que o fado do mal nos atirar em possiveis complicações internacionaes, *quod Deus avertat!*

Que reflicta sobre as vantagens de toda natureza que a cultura do trigo traz para as nações que a possuem, maxime, quando estas, como é o nosso caso, necessitam, carecem, dependem da colonisação como elemento essencial para o seu progredimento e até para a sua propria construcção!

A Sociedade Nacional de Agricultura não se tem descurado do magno problema da producção do trigo em terras do Brasil, sendo mesmo por inspiração e ordem do seu digno presidente que se redigem estas linhas.

Já por diversas vezes tem distribuido fartamente as variedades de trigo que a seu juizo melhor convêm ao nosso meio, solicitando das pessoas contempladas com a remessa do precioso cereal informações circum-

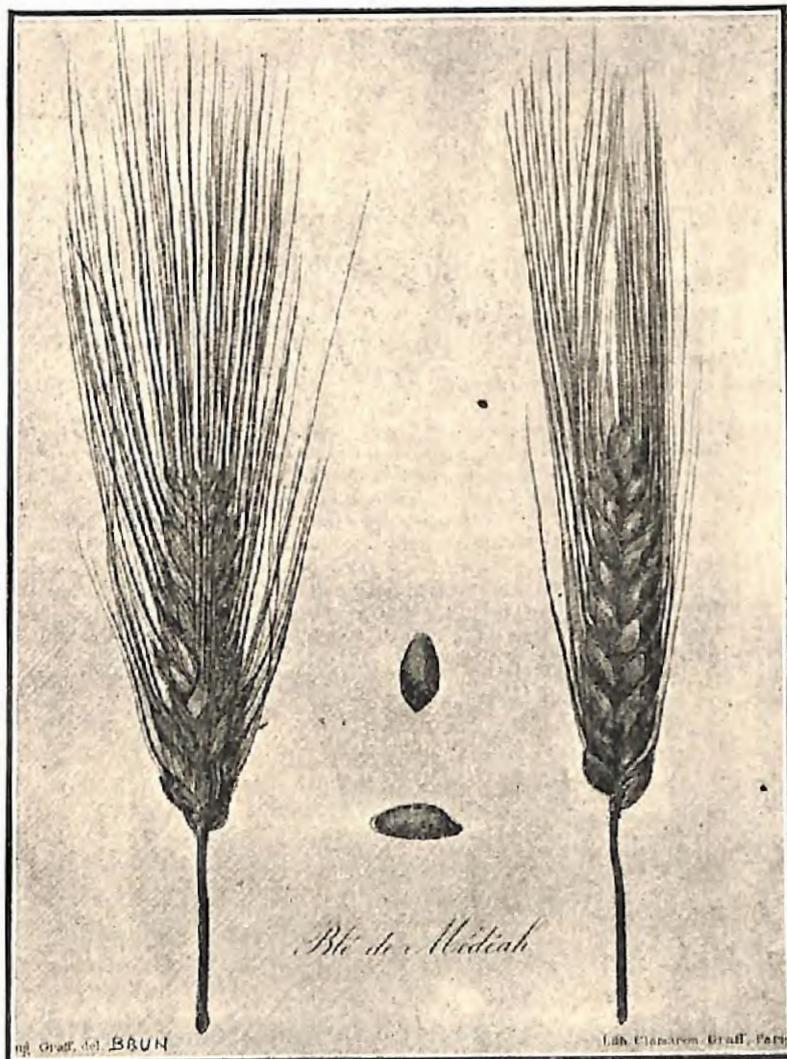
stanciadas sobre o andamento dos seus ensaios. Ella repete desde já o mesmo pedido de informações para as remessas futuras, prestes a serem effectuadas.

Damos a seguir as gravuras de algumas variedades de trigo copiadas da obra de Vilmorin-Andrieux — *Les Meilleurs Blés*.

Trigos duros, barbados e do verão

I

TRIGO DE MEDEAH



N. 1 — Trigo Medeah

Semeia-se nos climas mais quentes do hemispherio do Norte, durante a primavera, isto é, nos mezes de março e abril.
Colmo cheio, curto, firme e erecto.

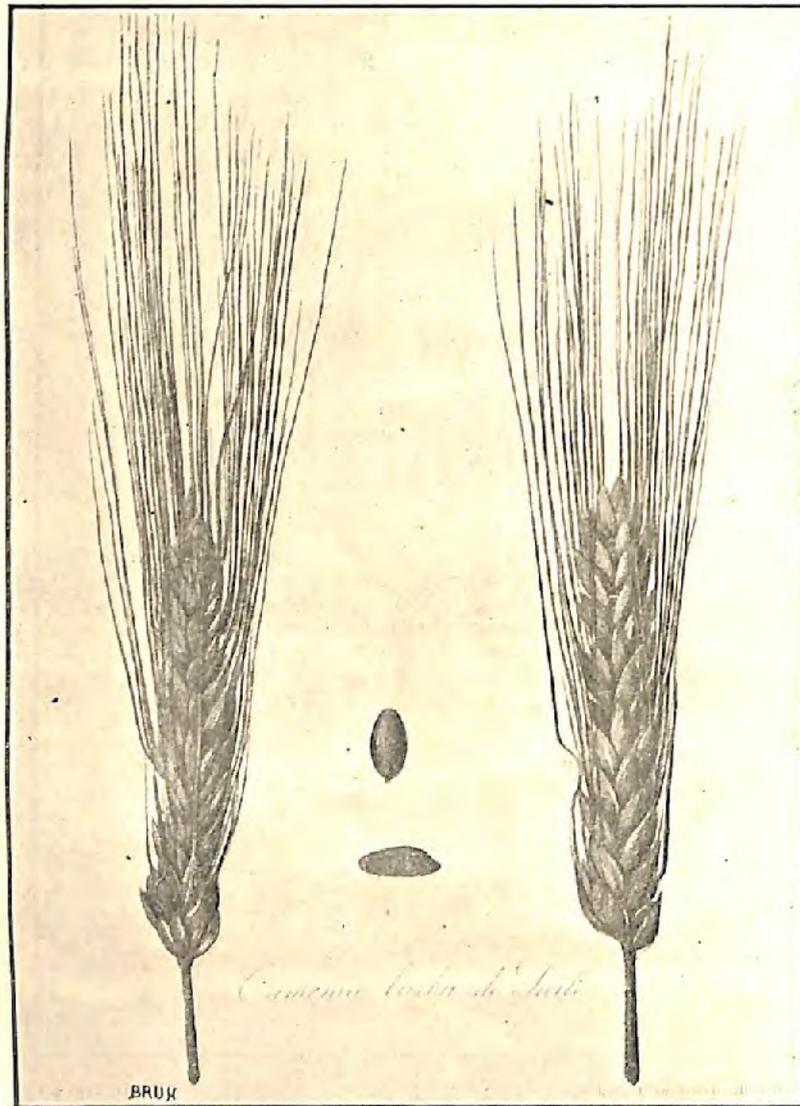
Espiga média, um tanto achatada, de côr escura, quasi preta, barbas compridas e resistentes.

Grãos alongados, amarelos reluzentes.

O trigo de Medeah é essencialmente meridional, des envolvendo-se melhor ao sul do Mediterraneo, pelo norte da Africa. Ha cerca de trinta annos que se cultiva o trigo de Medeah no Egypto, on le tem grande reputação, por ser muito rico em gluten. Após longes annos de ensaios de diferentes trigos, na Algeria, Cairo e Turquia, foi sempre o trigo de Medeah que deu melhor resultado. Este trigo dá-se mal no centro e norte da Europa.

II

TRIMENIA BARBADO DA SICILIA



N. II — Trimenia Barbado da Sicilia

Semeia-se na Europa e no hemispherio do norte durante a primavera, isto é, de março a abril inclusive.

Colmo (palha) fino, altura média, flexível e um tanto fragil.

Espiga alva, comprida, barbada.

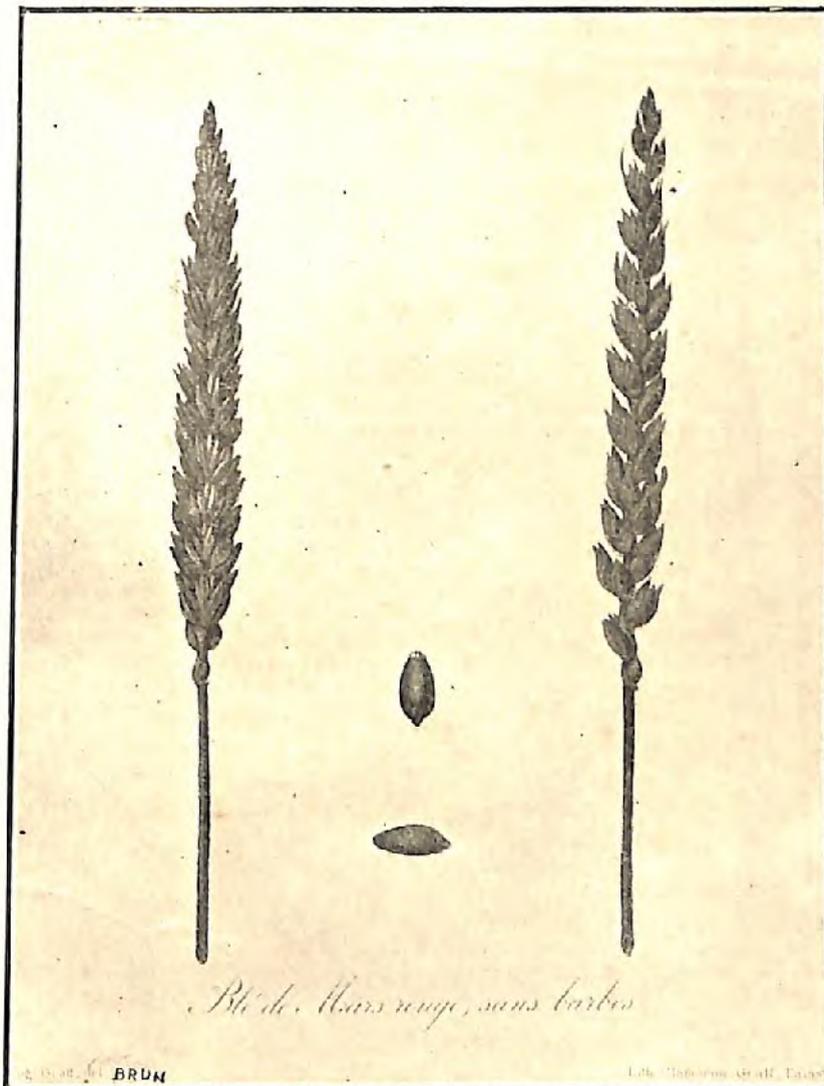
Barbas abundantes, claras, compridas.

Grãos reluzentes, compridos, amarelos e avermelhados.

O trigo Trimenia, como o seu nome indica, é um trigo de tres mezes ou pouco mais. Sofre do frio no norte e centro da Europa. E' trigo para paizes de verão muito quente e secco. Seu verdadeiro meio cultural é a bacia do Mediterraneo, na Europa, Africa, Asia e Sul dos Estados Unidos, na America.

III

TRIGO DE MARÇO VERMELHO SEM BARBA



N. III — Trigo de Março Vermelho Sem Barba

Semeia-se no hemispherio do Norte durante a primavera.
Colmo sufficientemente comprido, forte, macio, muito óco.

Espiga vermelho-escura, solta, fina, quasi sempre curva.

Grãos compridos, pouco volumosos, vermelhos, meio reluzentes.

E' originario do Mar Negro, no sul da Russia, onde o cultivam abundantemente. Parece-se muito com outro trigo russo chamado Ghirka. A principal qualidade do Trigo de março está no facto d'elle se adaptar a qualquer terreno, por mais pobre que este seja. Mesmo nos terrenos onde os outros trigos não produzem, o Trigo de março dá cargas regulares. Dá-se bem nas terras arenosas e leves.

IV

TRIGO DE MARÇO BARBADO COMMUM



N. IV — Trigo de Março Barbado Commum

Semeia-se no hemispherio do norte no começo da primavera.
Colmo fino, altura média, forte.

Espiga pouco compacta, um tanto achatada, barbas brancas, de comprimento médio, algum tanto divergente.

Grãos amarello-avermelhados, bem cheios, tamanho médio.

O Trigo de março commum é productivo e muito rustico, convido perfeitamente ás terras mediocres e aos climas um tanto seccos. Resiste bem aos ventos fortes, desgranando difficilmente.

V

TRIGO VICTORIA DE MARÇO, TRIGO DE CARACAS, OU TRIGO DE NOVENTA DIAS



N. V — Trigo Victoria de Março, Trigo de Caracas ou Trigo de Noventa Dias

Semeia-se durante a primavera.

Colmo de altura média, forte e macio.

Espiga chata, solta, barbas esparsas.

Grãos vermelhos, médios, meio reluzentes, pouco cheios.

O Trigo de Caracas, como o seu nome mostra, foi descoberto em Caracas e propagado na Europa pelo Barão A. Humboldt, de onde se espalhou. Esta variedade é productiva, mas desgrana-se com muita facilidade, o que constitue um defeito.

VI

TRIGO PRECOCE DO JAPÃO



N. VI — Trigo Precoce do Japão

Semeia-se durante a primavera.

Colmo curto, erecto, resistente, ôco.

Espiga vermelho-escura, comprida, erecta, achatada, pouco compacta, barbas curtas, rectas, divergentes.

Grãos pequenos, curtos, tenros, vermelho-escuros.

É uma variedade extremamente precoce e que talvez convenha muito bem ao Brasil. Foi pouco estudada na Europa e creio que é absolutamente desconhecida entre nós.

Além das seis variedades de trigo acima expostas, muitas outras seriam a recomendar, como dignas de ensaio.

Vamos, pois, transcrever mais outras, tiradas, como as que ficaram acima, do valioso trabalho dos Srs. Vilmorin-Andrieux — *Les Meilleurs Blés*.

1º grupo

Trigos próprios para as terras pobres, arenosas ou quartzosas.

Variedades de verão e que se semeiam no começo da primavera, na Europa, e de março a maio entre nós :

- 1.º Trigo Hérisson.
- 2.º Trigo Victoria de março.
- 3.º Trigo de Saumur de março.
- 4.º Trigo Quadrangular da Sicília.

2º grupo

Trigos para terras argilosas compactas. Variedades primaveris:

- 1.º Trigo de Saumur de março.
- 2.º Trigo Chiddam Branco de março.
- 3.º Trigo Rousselin.
- 4.º Trigo Richell Branco de Napoles.

3º grupo

Trigos para terras argilo-calcareas.

Variedades primaveris:

- 1.º Trigo Chiddam Branco de março.
- 2.º Trigo Noé.
- 3.º Trigo de Saumur.
- 4.º Trigo Richelle Branco de Napoles.

4º grupo

Trigos para terras férteis e de alluvião.

Variedades primaveris:

- 1.º Trigo Chiddam Branco de março.
- 2.º Trigo de Saumur de março.

Para resumir e arrematar tudo quanto dito fica, deverai lembrar aos Srs. lavradores, que porventura desejem ensaiar a cultura do trigo, que a sementeira deste cereal se faz entre nós, desde o fim de fevereiro até o fim de maio, semeando-se na proporção de 150 a 200 litros de grão por hectare (10.000 m²).

Cumpra ainda ponderar que, quando aqui se empregam as palavras — primavera ou primaveris — tem-se a intenção de designar a estação do anno que vai de março a maio, que é quando se dá a primavera na Europa.

Semeia-se o trigo a granel, atirando-se as sementes sobre a terra previamente amanhada ou então, o que é preferível, semeando-se com o auxílio do aparelho mecânico chamado semeador, que executa a semeadura em linhas espaçadas de 20 a 40 centímetros, conforme a fertilidade da terra e qualidade do trigo a semear.

Ha uma consideração de ordem economica, que convém muito que o lavrador traga em mente, e é «que a cultura do trigo, que em outros paizes é mediocrementemente compensadora, pôde ser de grande resultado para o nosso agricultor, uma vez que este estabeleça um afolhamento, em que o trigo occupe o terreno durante o tempo que este fica baldio e improductivo. E' sabido que, desde que colhemos as plantas annuaes, que amadurecem de janeiro a março, abandonamos a terra, por não possuirmos uma cultura que a utilise nos mezes frios que se seguem de março a começo de agosto; pois bem, essa cultura, tel-a-á o agricultor, no trigo, na cevada, no centeio, na aveia, que vegetam justamente durante os mezes frios do anno em que a terra não rende o juro do capital que ella representa ».

Ensaaiemos, portanto, a cultura do trigo, que poderá vir a ser uma farta fonte de riqueza e bem estar para a nação e para o lavrador.

GOMES CARMO.

Para consultas sobre o assumpto o leitor poderá ler:

1.º — *Observaciones sobre el cultivo del trigo*, por Guillermo Frich — Valdivia (Chile).

2.º — *Les Meilleurs Blés*, por Vilmorin-Andrieux — (Paris).

3.º — *Estudio sobre los trigos de la provincia de Entre-Rios*, por Carlos D. Girola — (Buenos Aires).

4.º — *Cultura dos campos*, por F. F. de Assis Brasil — (Paris).

5.º — *Physiologie et culture du blé*, por Eugène Risler — (Paris).

6.º — *Le blé*, por E. Lecouteux — (Paris).

7.º — *Plantes de grande culture*, por P. P. Déhérain — (Paris).

8.º — *Agricultura General*, por Teodoro Alvares — (Montevideo).



COLLABORAÇÃO

Factos agricolas

Esperanças fagueiras aguardavam o advento de 1906.

Bellos feijoaes das aguas chamados, virentes milharaes com sua folhagem glauca, graúdos bagos em taludos galhos de verdejantes cafeiros pendurados, tudo imprimia á atmospherá rural um que de promissora existencia.

Dezembro de 1905 entrava com bons auspicios. Dia 1 correu fresco, de um sol ameno e brilhante, com suave viração norte. Eis que, porém, após a chuva tempestuosa e vandálica do dia 3, vieram 15 dias de estiagem, de sol abrazador, compromettendo as esperanças nossas. No dia 18 começou a invernada que só teve termo em 31 de março de 1906. Ora mansinha, ora diabolica, devastadora, a chuva cahiu durante 3 1/2 mezes, com pequenissimas interrupções, fazendo desaparecer o flammejante astro, baixando a temperatura, retardando o cyclo vegetativo.

No meu Registro Meteorologico, neste momento em minha frente, só menciono estiagem, ausencia de chuvas nos dias 14, 15, 17, 19, 25 e 26 de janeiro.

Em fevereiro só não tivemos chuva nos dias 9, 10, 14, 15, 16, 25, 26 e 27. Em março tivemos pequenos intervallos em 2, 4, 5, 9, 12, 13, 23, 28 e 30. Com a entrada de abril regularisou-se o tempo.

Sabemos que a prosperidade da lavoura depende do bom tempero do tempo.

Experiencia de 22 annos de lavoura a mim tem mostrado que pequeno excesso de sol é preferivel a um chover desordenado. A superabundancia de fructas que neste momento abarrota o mercado de Porto Alegre, de modo a serem excellentes pecogos lançados a porcos, por falta de consumidores, uvas magnificas vendidas a 100 réis o kilo, é uma prova do que acabo de avançar.

Vejamos as consequencias do cataclysmá: Alguns feijoaes mais adiantados foram colhidos, porém a maioria, que deveria ser colhida em fins de dezembro e principio de janeiro, perdeu-se completamente. A colheita do milho ficou reduzidissima, e o milho colhido era de má qualidade. E' sabido que o milho póde permanecer na roça um anno ou mais, sem estragar-se com a chuva, graças á silicosa couraça que o envolve, impedindo a entrada da humidade. Isso, porém, dá-se

quando as cousas correm normalmente, quando seu cyclo não é perturbado por irregularidades meteoricas.

Sabemos que as espigas de milho, enquanto verdes, são erectas para cima. Desde que o cyclo se approxima da meta, desde que a folhagem de glauca se vae tornando citrina, o pedunculo contrahe-se e o peso dos grãos obriga a espiga a virar, permanecendo olhando para o solo.

Emquanto a espiga está verde e olhando para o pino, a verdura da palha e a vitalidade dos finissimos estyletes em forma de brocha, impedem a entrada d'agua no seu interior. Seccando a palha e perdendo o pincel a sua vitalidade, desaparece o arrolhamento que se oppõe á entrada da humidade e a agua da chuva tenderia a penetrar, si nessa época o pedunculo não se contrahisse, obrigando a espiga a descrever um arco, conservando-se inclinada, com a summidade para baixo. Quando o anno é assás chuvoso, desenvolve-se mais palha que grãos, a espiga fica leve, demora-se a tombar e a agua penetra na columella então frouxa, mal perculada pelo dessecamento da palha e do cabello. Foi o que se deu com o milho de 1906. Ao acaso, sem escolher, por diversas vezes tirei balaies de milho em meu paiol. Despilhadas todas as espigas, notei isto na média: 18 % completamente inutilizadas, imprestaveis para tudo, palha completamente adherente ao sabugo e este coberto de um bolor espesso; 39 % em máo estado, porém servindo para criação; 43 % boas, quasi perfeitas, com leve camada de bolor na base da espiga, porém com os 2/3 superiores em perfeito estado, prestaveis para moinho. Completamente sã, completamente isenta de defeitos, completamente propria para reproducção, não encontrei nenhuma.

Eis o que notei em minha roça.

Vejamos o café.

Em 1905 houve uma florada precoce, cujo fructo deveria amadurecer em começo de janeiro de 1906. Devido aos dias invernosos que começaram em 18 de dezembro, abaixando a temperatura e retardando o cyclo vegetativo, o tal fructo precoce começou a amadurecer em fins de janeiro.

Sabemos que, com o tempo normal, o café amadurece, secca e permanece no pé durante um anno.

O fructo precoce deveria amadurecer, seccar e esperar na arvore a colheita do fructo normal; porém como a chuva foi excessiva, o café ia amadurecendo, e cahindo. Quem visitasse os cafesaes via chusma de pequenos mosquitos sigando o succo doce da fructa fendida e o chão juncado de grãos violaceos. Para aproveitar os bagos que iam

cahindo, os lavradores mandaram fazer a arruação, limpar os cafezais, para que o fructo cahido ficasse debaixo dos cafeeiros, á espera do tempo da colheita. Si a chuva fosse sempre mansa, neblinosa, poderíamos aproveitar o fructo allí cahido. Porém, de quando em quando, a chuva cahia volumosa, vandallica, não somente acarretando a fructa cahida, como fazendo grandes sulcos, enormes brechas no terreno. Quando em abril cessou a chuva, vimos nossos cafeeiros quasi desprovidos de fructo.

Toda a florada precoce tinha sido perdida e a do tempo já se estava comprometendo. Os lavradores que tiveram a felicidade de ter pequenissima a tal florada precoce, tiveram danno relativamente pequeno, talvez 20 a 30% de prejuizo na colheita. Alguns, como o que este escreve, que na quasi totalidade da colheita contava a florada precoce, tiveram dannos enormes. Quando cessou a invernação, caí emlhei minha colheita reduzida á metade. Posteriormente, depois de finda a colheita, vi que não ascendea a tal, mas ainda com magua verificuel que perdi 40%. Ao terminar a invernação, nossos cafezais, arruados antes do tempo, estavam de novo cheios de matos, e o chão fufado de grammas que então permaneciam velhos pelo capim. Arruar de novo, seria não somente mais despaça como perder os bagos preciosos que já uncavam o solo; fazer assim a colheita, seria penoso trabalho.

Triste dilemma!

Não param ali os dannos soffridos. Tendias de terreno, abyssmos, avalanches enormes desprendendo das montanhas, carregando com-sigo centenaes de cafeeiros, muitas vezes casas de colonos, barrando os correios, improvisando agudes, ocasionando enormes perdas de lavoura! Rios transbordando, avassalando os diixios, cobrindo pastos, deixando sem alimento manadas enormes de animaes; ou então, rapidamente tomando colossal volume, invadindo os pedis, acarretando toda a manada allí pousada! Verdadeira calamidade!

Segunda metade de 1906.

Os cafeeiros velhos parecem remogados; os novos avantaçam-se no crescimento e a folhagem negra parece dar-nos alentos de fei-

lizes dias.

Florada enorme premele colheita igual á do anno da liberdade. Faminho pessoal agrario, perdido o milho nas roças, redobra de esforços, procura sementes escassas, melte enxadas nas arvores, faz enormes plantações de milho. Germinação e crescimento correm bem; milhoal ostenta vigo anormal; tudo prediz desforta das vacas magras.

Cafeeiros dobram-se ao peso de carga immensa. Tudo parece sorrir, parece alentar os filhos das selvas.

Eis que, porém, avizinha-se o termo do anno fatidico, e as chuvas começam a amiudar-se.

Entra 1907, estamos já nas portas de fevereiro, e a chuva insiste em ser tão damninha quanto foi em 1906.

Que será dos lavradores ?

A. G. FERREIRA PAULA,
lavrador em Lago de Murahé.

XIII Os germens da trichina no sangue do porco

Não é sem razão que a religião hebraica prohibe o uso da carne de porco. Ainda que haja quem possa considerar tal prohibição como uma simples exigencia gastronomica, não pensam assim os homens de sciencia, pois estes, como o legislador hebreu, consideram a carne de porco como o receptaculo de muitas doenças parasitarias e transmissiveis.

Por taes motivos, si todos devem usar da carne de porco com certa parcimonia, deverão recusar-a *in limine* as senhoras depois do parto, os convalescentes de typho, de gastro-enterite, os que soffrem de catarrho intestinal, etc., etc.; porquanto estas pessoas estão mais predispostas a contrahir as doenças transmissiveis pelo porco do que quaesquer outras.

O perigo é tanto mais de temer, que Wyssmann e Staubli demonstraram que o sangue dos suinos é um meio propicio para o desenvolvimento de germens pathogenicos, em cujo numero se encontra a terrivel trichina.

Accresce ainda que com as carnes do porco é que se fazem os salames e outras iguarias destinadas a serem consumidas frias por todas as classes humanas.

Por fallar em trichina, vem a pello mostrar como Staubli chegou a demonstrar a existencia de embryões da trichina no sangue do porco. Retirou do coração de um porco abatido como trichinoso tanto sangue quanto pode por meio da seringa de Pravaz. Lançou esse sangue em um vaso contendo uma solução acidulada. A fibrina separou-se, os globulos vermelhos do sangue desfizeram-se e a emoglobina dissolveu-se. Submettendo o conteúdo do vaso a um movimento centrifugo, resultou em seguida um sedimento em que se encontravam leucocitos

e germens da trichina. Vêm-se os embryões na trichina com o auxilio de um bom microscopio, e isto tanto melhor, si á preparação se ajuntar algumas gottas de eosina ou azul de metylene.

Assim fazendo, acontece que os nucleos das cellulas dos embryões tomam uma côr azul carregado, e os vermes a coloração azul-claro, facilmente distinguivel.

A descoberta de Staubli, plenamente confirmada, deve servir para acautelar o publico contra as carnes e chouriços de sangue de porco, a não ser que tenha havido escrupuloso exame sanitario.

DR. A. RIGODANZO, Medico Veterinario.

Immigração japoneza

Agora, que já se acha quasi concretisada em facto, com a proxima organização do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio—uma das maiores necessidades e aspirações da nossa lavoura—vêm a pello algumas observações sobre certos assumptos correlatos, dos quaes depende em larga escala o desenvolvimento economico do paiz, que, certo, virá daquelle centro creador e propulsor de energias vitaes, imprescindiveis para erguer do marasmo e atrazo em que tem jazido, por tantos annos, a nossa industria-mãe, fonte primaria de onde surgirá o nosso almejado progresso e poderio.

Dentre outros, sobreleva notar, como um dos factores indispensaveis para esse almejado fim, a introdução e localisação de uma immigração adequada a differentes pontos do paiz e que, pelos seus habitos de trabalho, genio creador e industrioso, constitutivos das qualidades innatas de suas raças, venha, não só povoar e tornar productivos nossos desertos virgens, como tambem as vastas extensões de terras hoje abandonadas e improductivas que, entretanto, pela sua situação junto a importantes centros de população e vias de communição, podem tornar-se, por uma cultura intelligente e criteriosa, fartos celleiros de variados productos, muitos dos quaes, como o arroz, trigo, milho, etc., importamos em larga escala, quando podia se dar justamente o inverso.

Como elementos constitutivos dessa util e indispensavel immigração, não devemos esquecer, de par com os nossos já bem conhecidos e comprovados teutões e italianos, os industriosos japonezes.

Com effeito a occasião não póde ser mais propicia para renovar tentativas, já feitas, de attrahil-os para o nosso paiz, em vista da politica

expansionista que parece orientar o Mikado, sobretudo após suas brilhantes victorias sobre a Russia.

Dada, ainda, a densidade de sua população, é natural que o Japão procure favorecer o estabelecimento de seus subditos em paizes com os quaes possa entrar avultadas e rendosas relações commerciaes.

E se ha paiz no mundo em que, a par de plena liberdade de instituições e absoluta ausencia de preconceitos de raça, encontrem os japonezes vasto campo para exercerem e utilisarem suas excepcionaes aptidões, esse paiz é, certamente, o nosso grande Brasil.

Aqui não encontrarão esses absurdos preconceitos de raça, como nos Estados Unidos, onde o admiravel incremento e aperfeiçoamento que os Japonezes têm sabido imprimir á produção de diversos generos agricolas, além das facilidades e vantagens que sua efficaz cooeração tem proporcionado a outros ramos de actividade social, só têm servido para aggravar aquelles preconceitos, com baixos sentimentos de odio e inveja, dando mesmo logar a uma propaganda hostil contra a continuação da presença delles allí e com a qual, certamente, os Japonezes se não poderão sentir muito satisfeitos e tranquillos.

Não devemos, portanto, perder a occasião de ir dispendo e empregando os meios para attrahir e, sobretudo, localisar tão proveitosos immigrants.

Para melhor accentuar de quanto são capazes suas faculdades creadoras e productivas — aliás em um meio adverso, já pelo citado preconceito de raça, já pela concorrência opposta pelos elementos de outras nacionalidades bem reputadas — é bastante transcrevermos o seguinte trecho do artigo d'*O Paiz*, de 7 do corrente, intitulado «Os Japonezes da America e os interesses do Mikado», que dá uma idéa do que elles têm feito nos Estados Unidos da America do Norte.

«Empregaram-se nos caminhos de ferro, monopolisaram os serviços domesticos. Mas, foram mais longe. Conquistaram altas posições no commercio e na agricultura. Apoderaram-se da cultura do morango, tão extensa e rica. Plantaram a vinha, das quaes tem monopolio um feliz aventureiro, que, ha poucos annos, era criado em Frisco (S. Francisco). A expedição de fructas foi açambarcada pelos nippões. A famosa floricultura, que é uma das glorias americanas, está hoje nas mãos dos subditos do Mikado. A cultura da batata, principalmente, cahiu em seu poder e o rei da batata nos Estados Unidos (potato-king) é o japonez Sr. Ushyima. Em Scattle um nippão, Sr. Hattori, faz parte da Camara do Commercio.»

Diante de tal quadro, o que não será licito esperar do nosso proximo futuro economico, si tivermos a habilidade precisa de incorporar á nossa nacionalidade, além de outros, mais esses admiraveis e inexcusaveis elementos de trabalho e progresso? Então já não será um sonho irrealisavel ver cobertos de verdejantes arrozaes esses interminos banhados que se estendem desde Macahé a Campos, em uma extensão de 13 leguas, a poucas horas da Capital, e outros, não inferiores em fertilidade e adaptação a essa e outras culturas e que hoje, por falta do devido saneamento, não passam de laboratorios perennes de impaludismo, que vae levar, quando não frequentemente a morte, o desalento e o depauperamento da raça ás populações locais.

Só então poderemos igualmente ter uma produção de fructas, tão necessarias á uma alimentação hygienica, hoje só ao alcance da bolsa do rico. E não só os nossos mercados internos se poderão abastecer fartamente, como se poderá fomentar um avultado commercio com o exterior, que tamanho apreço já dá ás nossas saborosas fructas indigenas, ás quaes só falta cultura carinhosa e intelligente para tornarem-se ainda mais appetecidas e valiosas.

Que venham, pois, quanto antes, tão preciosos obreiros, para facilitar a execução do grandioso e patriotico programma que guiará o futuro Ministerio da Agricultura — são os ardentes votos que faz

RUSTICUS.



TRANSCRIPÇÃO

Um horticultor magico ^{11m}

LUTHERO BURBANK ¹²

« Depois de longos annos de um trabalho paciente, silencioso e persistente, despido de americanismo, o Sr. Luther Burbank começa a ser conhecido e admirado no velho mundo.

O magico do occidente — *The Wisard of the West* — como lhe chamam os americanos, merece que o publico europeu tambem conheça as suas descobertas admiraveis, que acabam de ser relatadas em um livro interessante — *Naar Californie* — pelo Dr. Hugo de Vries, da Universidade de Amsterdam.

Luthero Burbank habita uma aldeia californiana — Santa Rosa — perto de S. Francisco. Com elle vivem sua velha mãe e uma irmã que muito o auxiliam em suas delicadas experiencias.

Nos Estados Unidos, mais que alhures, os horticultores dedicam ingentes esforços para melhorar as arvores fructiferas e as plantas horticolas.

Outr'ora eram a Inglaterra, a França, e mais tarde a propria Belgica, que guiavam o movimento; agora, porém, os Estados Unidos é que vão na frente, o que se explica pela variedade de climas e terrenos que possuem.

Concordando com estes factores naturaes, opera o Departamento de Agricultura de Washington, enviando funcionarios seus a varias regiões do globo, afim de collectarem e introduzirem nos Estados Unidos as melhores plantas que encontram. Só em 1904 introduziram esses funcionarios nos Estados Unidos nada menos de 1.400 variedades de sementes e plantas preciosas para a agricultura!

Por seu turno as innumeradas estações experimentaes de cultura não cessam de seleccionar e crear novas variedades de plantas. Assim é que crearam novas laranjeiras, mais resistentes ao frio e ás molestias, novos algodoeiros de melhor fibra e abundante produção, milhos especiaes para a alimentação humana, forragem, distillação, etc.

Essa acção official serve para orientar e encorajar a iniciativa privada, de que se destaca Mr. L. Burbank, feliz conquistador do premio de 100.000 dollars concedido pela *Carnegie Institution*.

Burbank começou creando uma nova batata, resistente ás molestias e riquissima em amido. Conseguiu crear variedades de pecegueiros, damasqueiros e ameixeiras absolutamente resistentes ao frio; obteve uma castanheira anã, que dá excellentes fructos, desde a idade de 18 mezes. Creou uma ameixeira — *Sugar Prune* — cujo fructo sem caroço é um favo de mel, de assucarado que é.

O *Plumcot*, um dos seus productos mais curiosos, é o resultado do cruzamento da ameixeira (*Plum*) com o damasqueiro (*Apricot*).

Não contente com augmentar o volume dos fructos, diversificar o seu sabor, mudar-lhes a forma e côr, supprimir-lhes os caroços, agora anda a lhes mudar o perfume e sabor. Assim é que a uma ameixa deu o gosto de pera e a um marmello o perfume do abacaxi.

Outra criação sua prodigiosa é a que se refere á *Ameixeira Burbank*, a qual se deriva de uma ameixeira que lhe veiu do Japão. A ameixeira Burbank é de tal modo productiva, que de uma tiveram que retirar 22.000 ameixas verdes, para se deixar na arvore uma quantidade

compatível com seu tamanho e robustez. Occupa-se actualmente o Sr. Burbank em produzir uma *uva tartarica*, destinada exclusivamente á extracção do acido tartarico.

Para se fazer idéa da obra colossal de Burbank, basta dizer que possui elle 300.000 variedades de amóras, completamente distinctas entre si, pela fórma de folhas e fórma e sabor dos fructos; 60.000 variedades de pecegos, 5 a 6.000 variedades de amendoeiras, 2.000 variedades de cerejeiras, 2.000 de pereiras, 1.000 de videiras, 3.000 de macieiras, 1.200 de marmelleiros, 5.000 de noqueiras.

Em floricultura a obra de Burbank não é menor, mas é principalmente em horticultura que os seus trabalhos mais interessam.

Enxertando a batata ingleza sobre o tomateiro, obteve uma especie de batata cujo gosto muito se avizinha do do tomate; e, enxertando o tomateiro sobre a batata, conseguiu um fructo a que se deu o nome de *Pomato*, isto é, fructo proveniente da batata (*potato*) com o tomateiro (Tomato).

O *Pomato* come-se crú ou cozido: é um fructo branco, de bella apparencia e muito cheiroso. Com os morangos, framboezas e outros fructos, fez Burbank prodigios identicos.

Igualmente interessantes são os seus trabalhos sobre os cactos, de que elle conseguiu obter variedades sem espinhos, de flores bellissimas e fructos os mais variados.

Diz o Sr. Burbank sobre os cactos: «Transplante-se um cacto commum para um jardim, onde nenhum animal o toque e destrua, e não levará muito para que perca o seu aspecto selvagem e comecem a apparecer hastes desprovidas de defesas (espinhos); suas flores e fructos tomarão melhor aspecto. Seleccionem-se estes individuos melhorados e, no fim de pouco tempo, ter-se-ão novas variedades completamente domesticadas, consideravelmente superiores aos individuos naturaes de que se derivam e conservar-se-ão assim, enquanto estiverem abrigados contra os ataques dos animaes nocivos.»

As plantas fazem grande esforço para produzir espinhos, por isso, desde que estes se tornam inuteis, ellas deixam de possuil-os, ficando mais mansas.

As rosas, as amoras, framboezas e groselhas tambem perderão seus espinhos, si o seleccionador o quizer. Até aqui o que se tem procurado nestas plantas é obter flores mais bellas e melhores fructos, não se preocupando com a eliminacção dos espinhos.

Entre as plantas propriamente industriaes, Burbank conseguiu produzir uma variedade de tabaco de 2 metros de altura, com folhas de 0^m,90 a 1^m,20 de comprimento e 0^m,60 de largura.

Burbank obtem todos esses productos, cruzando plantas da mesma especie entre si, cruzando especies differentes, cruzando plantas silvestres com outras domesticas e depois fixando os mais bellos typos obtidos por meio de enxerto e continuando a reproduzi-las com este artificio, que é uma especialidade sua. Muito mais ha que dizer sobre os trabalhos de Burbank, mas longo será descrevel-os; por isso nos detemos aqui, promettendo continuar a expol-os noutra occasião».

A interessante noticia que acabamos de transcrever tomámo-la da *Étoile Belge*, a qual por sua vez se inspirou no livro do professor de Vries — *Naar Californie*.

Seria muito de desejar que os nossos fructicultores se puzessem em relação com o Sr. Luthero Burbank, em Santa Rosa — California — Estados Unidos. Esse senhor, que é um grande negociante de sementes e plantas fructíferas, attenderá certamente aos pedidos que se lhe fizerem daqui.

Convém tentar.

G. C.

Discurso do Dr. Luiz de Oliveira Bello sobre a evolução agricola

«Será uma repetição, mas para a justiça não ha pleonasmos.

Quando se acerte em fallar da lavoura, de sua causa, da promoção de seus interesses, das suas reformas, promovidas dentro e fóra da Legislatura, não se sorprendam que ella estenda o braço rude e descarnado e aponte o Deputado Tosta, com aquelle gesto historico de Cornelia, indigitando Tiberio Graccho, seu filho, á estima e á ovação do povo romano.

Quando eu fallo em Tosta não o posso distinguir da Sociedade Nacional de Agricultura, na symbiose em que estão de lidas e triumphos, labores e merito.

Não se tratava de compellir o patricião arrogante e predatorio a render á justiça e á plebe o direito de cidade e as terras, amassadas no sangue dos legionarios; mas havia talvez peor: revocar ao movimento vital um cataleptico, percutir o torpor esteril de um paralytico, num meio atrophicante de hospital ao desamparo, sem reacções nem esforços curativos.

Ora, a lucta contra a força, a resistencia, promove, mesmo por fatalidade physiologica, o heroismo nos nervos; a energia sahe della, como chispas electricas, que galvanizam ainda os mais tibios.

Pois bem; na causa da lavoura houve tempo em que não se percebia a luta, a não ser a das vascas da vida com a morte. Era a causa esquecida, inconfessavel, irrisoria.

Para apartar della os focos da opinião havia, talvez, a intensa sombra expiatoria das senzalas, symbolizando a degradação do trabalho e a secular sevicia do senhor contra o escravo.

Dythirambos, divagações romanticas, ainda bem; vôos de aguias excursionistas por sobre os cafezaes em flôr e os cannaviaes farfalhantes, villegiaturas bucolicas em aspirações platonicas.

Mas que algum Deputado se aventurasse a offerecer projectos e a commental-os! Fallar a technica rural, dizer os cereaes por seus nomes, alli onde a rhetorica aveludada e perfuma os vocabulos, fóra perpetrar

cincada contra o bom gosto parlamentar e incorrer, estheticamente, nas iras do regimento.

Os discursos não eram ouvidos, os projectos alcançavam a ventura do carcere perpetuo, e ao infeliz orador, quando na tribuna, talvez algum malicioso caricaturista espreitasse, se acaso descalçara as botas de rufantes chilenas e onde atara o luar de correr as roças.

Esses tempos passaram: V. Ex. e a Sociedade de Agricultura desfraldaram a bandeira e conclamaram por sua vez: — aqui estamos, aqui ficaremos. Os discursos de V. Ex., a principio não ouvidos, os projectos a principio mal acatados, acabaram obtendo a deferencia, a sympathia, o apoio, o applauso; fizeram-se leis, reformas, institutos, vibraram a opinião, propelleram correntes, organizaram escola, melhor, uma politica, a da economia agraria, que tem a terra abençoada da patria por base e a sua bronzea grandeza futura por cupola.

V. Ex. comprehendeu que a noção da independencia nacional é hoje um dualismo, formado da conjugação de duas forças, a politica e a economica: ser patrioticamente defensavel e economicamente resistente. O paiz pobre, fallido, entrou em decomposição nacional e os abutres do expansionismo corvejam sobre elle fazendo declamar pelos canhões o responso da fabula do lobo e do cordeiro.

S. Ex. comprehendeu que ser prospera, ser rica, não é vaidade sumptuaria, é necessidade vital entre as nações. Produzir mais, ainda mais, vender, melhor, ainda melhor, alliciar mercados mais, ainda mais, pedir ao trabalho, ao povoamento, ao capital, ao credito, á associação, á sciencia, ao devotamento, ao prodigio o segredo do engrandecimento economico; não valendo ter a idade milenaria, ahí está o Japão, ahí está o Egypto; não valendo não ter territorio, ahí está a Hollanda; não valendo

não ter tido população, ahí está a Argentina; é ser ou não ser: economicamente forte ou irremissivelmente perdido.

V. Ex. comprehendeu que ha ainda uma situação mais perigosa que a do paiz fallido, é a do povo inerte numa terra fertil, é a fortuna desarmada, o thesouro á revelia, e para esse caso clinico, de prognostico fatal, a diplomacia dos leões ja inventou uma fórmula socialista e ethnica de esbulho: a desapropriação da terra fertil, da posse indebita do povo inerte, para o dominio fecundo das nações capazes.

V. Ex. não andou só, é bem de ver, muitos se lhe ajuntaram emulando em esforços, entre elles os dous eminentes estadistas, que a Sociedade acaba de inscrever entre os seus socios honorarios, e o illustre Ministro da Viação, tão merecidamente rapido na sua ascensão, que já era uma grande realidade, quando podia ser uma esperanza fagueira. Mas o merito das iniciativas tenazes de V. Ex., dos triumphos alcançados o erigem em porta-bandeira da grande causa fundamental, o Meline brasileiro, o estadista da *terra-mãter*, como vocação natural dos nossos destinos de conservação, de prosperidade e de grandeza.

.....

Não sei quem será amanhã o Ministro da Agricultura; o que sei é que o arbitro da escolha, pela eminencia do seu criterio de emerito estadista, pela clarividencia da necessidade de acertar, ha de optar pelo melhor; desde já poderemos felicitá-lo.

Mas não olho agora para cima; olho aos lados, em derredor e vejo a lavoura, sempre luctando entre o trabalho maior e o lucro menor, suspender por um momento a faina e estendendo a mão, tremula das emoções do muito affecto e pesada das benções da muita justiça, dizer-vos:

Eu vos saúdo, meu Ministro honorario da Agricultura!

Legislação rural

(Continuação do numero anterior)

Assim, aos factores apontados, temos ainda a adicionar o consumo.

O consumo da produção é uma das questões importantes na vida de nossas indústrias rurais.

Todos sabem as dificuldades com que luctam os nossos productores para collocar a maioria dos productos rurais nos respectivos mercados. Estes são geralmente dominados por hábitos de velhos processos e estimulados pelo desejo do maior lucro, aliás nem sempre legítimo, não concorrem para o beneficio do productor na medida que seria necessario para animar-lhe o trabalho e os esforços.

Este facto não é exclusivamente brasileiro, é universal. E, sendo assim, era natural que se procurasse um meio de corrigir-o e, com effeito, esse meio foi encontrado nessas organizações simples, formadas pelos proprios interessados, que, sem contrariar os legitimos interesses de quem quer que seja, mas fortalecidos pela união, pelo espirito de solidariedade, lutam vantajosamente contra a especulação dos mercados, com incalculaveis proveitos, não só para os productores, como tambem para os consumidores.

Taes são, Sr. Presidente, as cooperativas e os syndicatos agricolas.

Entre nós bem difficil seria conseguir que, de um momento para outro, a lavoura se congregasse para constituir uma associação que trouxesse ao mercado da Capital e que servisse para alli vender os nossos productos agricolas.

E' conhecida a indole do lavrador, naturalmente arredo deste espirito de associação, e hoje, que tem soffrido com essas tentativas inuteis para salvar a lavoura.

Mas, seja como for, incontestavelmente, Sr. Presidente, a applicação do principio da cooperação será um precioso elemento

para a salvação da lavoura, sobretudo porque elle será o unico meio efficaz para conseguir-se desses productos que ella hoje vê completamente desvalorizados, que não pôde quasi trazer ao mercado da Capital Federal, pela especulação a que estão sujeitos, novos e talvez abundantes recursos para auxiliar e melhorar a situação do lavrador.

Vou citar um exemplo do quanto pôde e das vantagens que ao escasso capital da lavoura podem trazer as associações a que me refiro.

A Sociedade Nacional de Agricultura, no meritorio intuito de propagar praticamente as vantagens resultantes da cooperação, resolveu fazer uma experiencia neste sentido.

O formicida é, como todos sabem, um dos productos de grande consumo na lavoura e todo lavrador sabe igualmente por que preço pôde ser elle adquirido nos mercados.

Se se trata de um pequeno lavrador, que não dispõe de recursos para comprar em grosso o formicida, é elle forçado a compral-o na localidade, por preços exorbitantes, por 8\$, ou 9\$; se o lavrador pôde, porém, manda buscal-o em maior quantidade no Rio de Janeiro, directamente, consegue-o por preço relativamente mais baixo, ainda assim nunca por menos de 4\$800 a 5\$000.

Pois bem, a Sociedade Nacional de Agricultura chamou concurrentes para fornecer aos seus socios este producto.

Em virtude desta concurrencia, hoje essa Sociedade obtém, com uma redução de cerca de 20%, sobre os mais baixos preços do mercado, todo o formicida de que carecem seus socios.

Estes obtém effectivamente uma lata deste producto por 4\$200, inclusive frete e despacho, quer se trate do forneci-

mento de uma quer de cem caixas, excluindo sómente o frete respectivo.

O mesmo serviço está prestando a Sociedade, no fornecimento de machinas agricolas e do arame farpado para cercas, que custa no mercado de 16\$ a 20\$, mais ou menos.

De accôrdo com o Syndicato Central dos Agricultores do Brasil, a Sociedade obtém o arame farpado e põe á disposição de seus socios, lavradores, aqui no Rio de Janeiro, á razão de 10\$300, o rolo de 40 kilogrammas.

Ora, quem conhece o consumo que ha, na lavoura, destes dous artigos — o formicida para a extineção dos insectos, e o arame farpado para as cercas, sobretudo nas zonas pastoris, pôde facilmente avaliar do beneficio immenso que dahi resulta para o agricultor ou o criador, que dest'arte, reduzindo as despezas de custeio dos respectivos serviços, conseguem, com a economia resultante, mais alguns recursos para melhor exploração de sua propriedade. Por estes exemplos, Sr. Presidente, poderão os meus illustres collegas julgar dos beneficios que poderá dar o processo analogo da venda dos productos ruraes por intermedio das cooperativas; os lucros que, desapiedados, tiram os intermediarios, são aqui divididos entre o consumidor e o productor, que novos recursos e estímulos consegue para a propriedade de sua industria.

Feitas estas observações, eu peço licença ao nobre collega, Sr. Arnaldo Tavares, para propôr algumas emendas ao seu projecto.

Vou lê-las, e explicar ao mesmo tempo as razões que as dictaram:

Na alinea *b* do projecto, lê-se o seguinte:

b) utilizará os proprios ruraes do Estado, creando nelles campos de demonstração e aprendizagem agricolas.

Proponho o seguinte substitutivo:

b) fundará em ponto conveniente do Estado, uma estação agronomica para o

estudo experimental das questões agricolas e zootecnicas e para divulgação e propagação entre os agricultores fluminenses dos methodos e processos praticos, que tenham por fim facilitar o desenvolvimento e o progresso da agricultura e da pecuaria.

Um campo de demonstração, Sr. Presidente, é um organismo perfeitamente definido na technica dos institutos agricolas; elle é, por assim dizer, o terreno onde se vão applicar os conhecimentos que se tem já adquirido em outra parte; alli procede-se á demonstração daquillo que já se estudou.

Ora, não podemos, portanto, ter um campo de demonstração, sem termos um instituto onde se estudem os factos e se adquiram os elementos para fazer-se essa demonstração.

Para supprir esta falta seria, pois, necessario fazer do campo de demonstração uma verdadeira Estação Agronomica, isto é, crear alli uma série de serviços inherentes a esta ultima instituição e que não são propriamente da índole daquelle, que é antes o complemento necessario da estação.

A consequencia é que um campo de demonstração para dar resultados praticos e reaes, exigindo a criação de taes serviços, acarretaria despezas equivalentes ás de uma Estação Agronomica sem, entretanto, obter-se uma conveniente organização desta, como é necessario.

Creada, porém, a Estação Agronomica, estaremos aparelhados com os elementos necessarios para o estudo de todas as questões que se relacionam com a chimica agricola, a bacteriologia, a phytopathologia, a entomologia, e todos os outros assumptos referentes á agronomia; teremos os campos de experiencias donde sahirão as lições praticas para serem applicadas nos campos de demonstração.

Além disto, a um Instituto desta natureza pôde e deve ser annexado um posto zootecnico.

Se nos cumpre attender ao agricultor, não podemos esquecer o criador que será, no Estado do Rio de Janeiro, um factor importante de sua riqueza.

O posto zootecnico permittirá não só o estudo e a selecção das nossas raças animaes, o que é de grande e incontestavel necessidade, e, ainda mais, o estudo das raças estrangeiras, sua acclimação e seus cruzamentos, para não estarmos a importar gado sem sabermos se é apropriado ao nosso clima e aos misteres a que o destinamos, como tambem o ensino e a propagação dos processos adiantados das industrias pecuarias.

Com estes elementos estou certo, Sr. Presidente, teremos uma Estação Agronomica, não mais cara do que viria a custar o campo de demonstração, se tivesse, como deveria ter, todos os recursos technicos necessarios para lhe fornecerem os elementos para as suas demonstrações.

Creio que, com um dispendio não superior a 100:000\$, poder-se-ha perfeitamente manter um estabelecimento desta ordem, sem luxo nem apparatus inuteis.

Mais adiante estabeleço o seguinte (*lé*):

Auxiliará as municipalidades e associações ruraes na installação e direcção technica de campos de experiencia, de demonstração ou institutos para o apprendizado elementar agricola, podendo para isso ceder-lhes os proprios estadoaes, situados nas respectivas circumscripções e de que não carecer o Estado.

Montada a Estação Agronomica onde naturalmente ha um campo de experiencias e demonstração, ella terá o pessoal habilitado para organizar e dar orientação conveniente a todos os campos de demonstração que se fundarem.

Ora, um simples campo de demonstração pôde ser custeado com pouco dinheiro; com o dispendio de cerca de quatro contos poderá elle se manter, uma vez que a sua installação e a sua direcção technica, que não precisa ser diaria, comtanto que seja feita por pessoal habilitado,

como deverá ser o da Estação Agronomica, a quem deverá ser confiado este serviço.

Deste modo a Municipalidade ou um grupo de lavradores que quizer na sua zona fundar um campo de demonstração, poderá fazel-o com o concurso da Estação Agronomica, que mandará pessoal competente para organizar e dar a direcção geral do serviço, visitando-a em épocas convenientes.

Eis a razão, Sr. Presidente, por que acho da maior urgencia a criação de uma Estação Agronomica no Estado; porque della partirão todos os outros institutos agricolas que se queiram fundar.

A minha emenda refere-se tambem a institutos para o apprendizado elementar agricola.

O apprendizado agricola, Sr. Presidente, é a primeira condição para a pratica dos processos racionais da agricultura, e já que não se pôde conseguir tudo, deixe-se a porta aberta áquelles que quizerem colaborar nesta obra meritoria.

Pôde acontecer Sr. Presidente, que haja corporações, camaras ou associações particulares que tenham em vista crear uma escola agricola; o dispositivo da emenda faculta ao Governo o meio de concorrer efficazmente para isto.

Sobre este assumpto posso adiantar a Assembléa que o illustre Presidente da Camara Municipal de Vassouras, Sr. Dr. Henrique Borges Monteiro, já está em relações com uma associação religiosa, a dos Frades Trapistas que se dedicam com grande competencia á agricultura, para a fundação, naquella cidade, de uma escola agricola. Desde que o Presidente da Camara de Vassouras consiga o seu generoso intento, o Governo do Estado poderá concorrer para a sua realização, cedendo o predio que allí possui, obrigando-se a Camara a dar accomodações para os serviços a que está destinado o referido predio.

O que quer hoje fazer Vassouras fará^o amanhã outras cidades do Estado e a acção de uma despertará o estímulo de outras.

Accrescento ainda esta outra emenda (*lé*):

Organizará o serviço regular da Estatística do Estado, podendo, para auxiliar este serviço, pôr em execução o disposto no art. 2º da lei n. 476, de 24 de outubro de 1901.

Esta disposição tem em vista auxiliar convenientemente o serviço de estatística.

Já temos e falla-se no projecto em crear taxas de estatística, mas todos sabemos que o Estado não tem hoje organizado convenientemente este serviço, que, graças á actividade e boa vontade do Sr. Presidente do Estado, se faz no seu palacio.

Entretanto ha uma disposição de lei que faculta utilizar para este serviço o pessoal da Assembléa no interregno das sessões; com este auxilio, o Governo poderá emprender uma organização modesta, dando-lhe, naturalmente, uma direcção competente, porque como os collegas sabem uma estatística é trabalho de extrema delicadeza.

Outra emenda para ser collocada onde convier é a seguinte (*lé*):

Auxiliará a titulo de subvenção ou de adiantamento, como melhor convier, a associação cooperativa que a Sociedade Nacional de Agricultura e o Syndicato Central dos Agricultores do Brsil fundarem, e destinada á venda dos productos, das industrias rurales do Estado, á exposição permanente desses productos, com as indicações precisas da procedencia e a outros serviços reclamados pelas mesmas industrias.

Sr. Presidente, esta disposição é, como V. Ex. vê, puramente facultativa. A Sociedade Nacional de Agricultura e o Syndicato Central dos Agricultores do Brasil têm já a sua historia e os seus creditos firmados. Em abono do que digo, ahí estão as innumeradas provas do alto apreço com que aquella sociedade tem sido distinguida pelo Governo Federal e pelo Congresso Nacional, que a tem incumbido de serviço de maior responsabilidade, e de que ella tem sabido dignamente desempenhar-se.

Ninguem melhor do que estas corporações está no caso de promover e levar a effeito a fundação de uma cooperativa em condições de prestar reaes serviços ás classes rurales.

Para levar a effeito, com toda a segurança, uma empresa deste genero, se faz preciso capital, que não se poderá conseguir com facilidade, já pela difficuldade de obter para o inicio das operações o numero necessario de associados, já porque, para que ella aproveite a todos, e especialmente aos que mais precisam, é indispensavel que as quotas de cada associado sejam bastante modicas.

Sómente depois de provada praticamente a utilidade da associação, se poderá contar com o concurso de socios e estou certo que então elles não faltarão.

A alinea *c* seja assim redigida (*lé*):

Instituirá taxas de estatística para os generos de produção do Estado e fará a revisão das actuaes taxas de exportação no sentido de diminuir os onus, que, porventura, pesarem sobre productos que carecerem desta providencia, para mais amplo desenvolvimento da respectiva produção.

O projecto consigna na alinea *c* outras disposições. Diz assim (*lé*):

c) instituirá taxas de estatísticas para generos de produção do Estado, que forem exportados, podendo decretar premios e subvenções que animem o desenvolvimento da agricultura e das industrias do Estado.

Eu, Sr. Presidente, permitti-me a liberdade de retirar de minha emenda esta segunda parte. Aliás acho que ella pôde ser mantida mas, na minha humilde opinião, não é vantajosa.

V. Ex. sabe que nesta questão de premios os que ganham são os que mais produzem, e estes são naturalmente os que mais elementos tem para produzir.

Ora, os que precisam de maior protecção e de mais estimulos são precisamente os que não têm fartos recursos, que querem, mas não podem produzir ou produzem pouco.

Nestas idéas, julguei dever alterar, na emenda que formulei, o que constava do projecto, e consignei um dispositivo autorizando a revisão das taxas de exportação, porque acredito que muitas dellas não facilitam, talvez mesmo entorpeçam o desenvolvimento da produção.

V. Ex. sabe que o eminente Sr. Dr. Nilo Peçanha, no trabalho afanoso que tem tido nestes tres annos de Governo, não pôde attender sollicitamente a tudo.

S. Ex. tem uma obra que por si só é immorredoura.

Talvez haja quem acredite que ainda é cedo para julgal-a; mas, estou convencido de que, no futuro, como hoje ninguem poderá recusar a S. Ex. a gloria de ter sido o restaurador das finanças do Rio de Janeiro.

O SR. EUGENIO PINTO:— Apoiado.

O SR. SYLVIO RANGEL:— Esta gloria por si só lhe será bastante. Entretanto, S. Ex. tem attendido com sollicitude, tanto quanto possivel, aos multiplos serviços publicos sob sua guarda; mas naturalmente, não lhe foi possivel attender igualmente aos pequenos detalhes da administração.

E' por isso que eu lembro a idéa de se fazer a revisão dessas tarifas.

Posso a esse proposito citar um facto recente.

Vi, ha pouco tempo, uma nota relativa a aves, pela qual verifiquei que a taxa de exportação é demasiada e ha de tender forçosamente a dificultar o desenvolvimento da avicultura.

Era uma nota de despacho de quatro patos, remettidos em uma capoeira; pagaram de frete á domicilio 2\$400. Supponhamos que cada um desses patos pudesse ser vendido a 2\$, preço talvez elevado, valendo todos, portanto, 8\$000. Deduzidos os 2\$400 de frete, ficariam 5\$600, salvo a commissão de quem os vendesse. Ora, sendo a taxa paga de exportação 1\$440, correspondeu ella a 25% do producto obtido na venda.

Em quantidades maiores, esta taxa será provavelmente menor, mas ainda assim, consideravel.

O SR. EUGENIO PINTO:— Mas, essa taxa é fixa, de 80 reis por kilogramma. Era de 100 reis.

O SR. SYLVIO RANGEL:— Isto só serve para provar que as aves são bastante pesadas e não tem aceitação no mercado que possa trazer vantagem aos seus criadores.

O SR. EUGENIO PINTO:— Esses patos pesavam muito...

O SR. NUNES TEIXEIRA:— Fazem pagar o peso bruto.

O SR. SYLVIO RANGEL:— E' isto; não cobram a taxa pelo peso liquido, incluem o das capoeiras, que pesam muito.

Em relação a madeiras tenho ouvido iguaes queixas, quanto ao imposto.

Tambem apresento uma emenda substituindo o art. 2º: é a seguinte (*lé*):

« O Poder Executivo poderá igualmente auxiliar, do modo que julgar mais conveniente, ás municipalidades ou syndicatos agricolas, que o requererem, nas obras destinadas ao saneamento e outros melhoramentos da Baixada do Estado e bem assim auxiliará as mesmas corporações no povoamento das respectivas terras, na medida dos recursos financeiros de que puder dispôr ».

O modo porque redigi este substitutivo se explica pela convicção que tenho de que todas as Camaras Municipaes, actualmente, não se acham em condições de concorrer para esses trabalhos, ellas lutarão com difficuldades enormes para realizar os mais simples e urgentes serviços.

Mas, Sr. Presidente, na Europa e nos Estados Unidos, se adopta, com grandes resultados, um processo differente e pratico para a realização destes serviços.

Os proprietarios ou interessados no saneamento de uma certa zona se associam, formando syndicatos. Isto feito recorrem ao Governo que vem em seu auxilio, prestando-lhes os favores reclamados mediante condições geralmente expressas em lei.

O Governo tem o seu plano geral, manda examinar e estudar o terreno e verifica se os syndicatos dispoem de recursos pecuniarios, si, com os melhoramentos projectados, adquirem elles meios de compensar o Estado dos adiantamentos que terá de fazer e dos serviços que lhes vai prestar, etc.

Ora, eu sei que a principio este alvitre encontrará difficuldades para sua realização. A falta de espirito de associação entre os agricultores, a sua tendencia para o regimen dos latifundios, são, por certo, razões que difficultarão a solução do problema; mas acredito, Sr. Presidente, que a propaganda e a acção pertinaz dos poderes publicos acabarão por vencer os obstaculos. E é tempo, pois a baixada do Estado do Rio de Janeiro é a zona apropriada para a cultura dos cereaes, e nós precisamos abandonar essa pratica ingrata de plantação á enxada, de cereaes nos morros, que só podem ser aproveitados para as culturas arbustivas e arboreas e á creação do gado.

A cultura do cereal só pôde remunerar com vantagem, quando feita mecanicamente e isto só se consegue quando se trabalha nas planicies (*Apoiados*).

Assim, Sr. Presidente, os proprietarios dos terrenos da baixada, querendo beneficiar-os, poderão associar-se, recebendo do Governo o auxilio solicitado, mediante a cessão ao Estado de uma certa porção da zona saneada; e o Estado por sua vez, pos-

suindo estes terrenos, poderá alli collocar familias que venham cultivar-os com boas machinas, de accordo com os processos modernos de agricultura.

Vê V. Ex., Sr. Presidente, que tudo isto depende de estudos, da competencia e firme vontade daquelles que tiverem de executar taes serviços; mas, neste ponto, creio, devemos estar tranquilllos e acreditar que o maior cuidado e solitudine haverá a tal respeito.

Por ultimo, Sr. Presidente, offereço uma emenda que me parece essencial e que faltou ao projecto, para ser collocada onde convier: é uma autorização ao Poder Executivo para abrir os creditos necessarios á execução dessa lei.

Eram estas, Sr. Presidente, as emendas que formulei e tomo a liberdade de apresentar á consideração da Casa. Acredito que ellas estão em termos bem amplos para que o Governo do Estado não encontre embaraços na escolha dos meios para melhorar a situação da lavoura; e são meus sinceros votos que, assim como hoje podemos dizer que o Sr. Nilo Peçanha foi incontestavelmente o restaurador das finanças e do credito do Estado, possamos, em futuro proximo, acrescentar que o seu successor foi o restaurador da vida economica e da agricultura fluminenses. (*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado e felicitado pelo grande numero de Deputados presentes*).

SYLVIO RANGEL

VARIEDADE

Monographias agricolas publicadas pela S. N. de Agricultura. — A *Revista del Ministerio de Obras Publicas y Fomento* de Bogotá transcreve a monographia publicada pela Sociedade Nacional de Agricultura sobre a cevada.

Outras monographias têm sido transcriptas dentro e fóra do paiz, tendo merecido especial attenção a que trata de—*Quatro importantes leguminosas forrageiras*.



Exportação de bananas de Cuba para os Estados Unidos.—Durante o anno findo a 30 de junho de 1906 Cuba exportou para os Estados Unidos, 1.000.603 dollars, ouro, havendo muita probabilidade para que a exportação deste anno seja superior.

Exportação mexicana em 1905-1906

	DOLLARS DE PRATA	
	1905	1906
Café.	1.162.700	2.649.800
Fibra de piteira.	15.534.500	15.791.400
Laranjas	43.000	49.500
Borracha	186.000	866.200
Assucar	646.500	39.200
Tabaco.	34.800	12.000

Ainda o Guayule — A Companhia Continental de Borracha tem um capital de 4.500.000 dollars, ouro, collocados nas plantações e fabricas de Guayule. Dizem que as tres fabricas da—Companhia Torreón, Saltillo e Ocampo—produzem mensalmente cerca de 500.000 libras de Guayule commercial.

Importação nos Estados Unidos durante os nove primeiros mezes

Procedencia	CACÁO	
	1905 Dollars	1906 Dollars
Brasil	515.373	1.141.519
A. Central	22.118	20.353
A. do Sul	1.593.719	1.663.435
CAFÉ		
Brasil	34.080.000	28.271.000
Mexico	2.448.500	2.040.000
A. Central.	5.586.000	5.798.000
A. do Sul	5.025.600	7.785.300
FIBRAS DE PITEIRA		
Mexico.	11.024.000	9.532.600
Outros paizes.	248.700	386.300
BANANAS		
A. Central.	3.257.600	4.208.800
Cuba	1.193.100	1.209.700
BORRACHA		
Brasil	20.333.000	19.541.800
Mexico	225.600	1.086.300
ASSUCAR		
Brasil	1.332.400	328.600
Mexico	609.000	66.500
Cuba	66.067.000	54.000.000

Importação do café nos Estados Unidos

	1906	1905
	Libras	Libras
Brasil	623.307.000	820.560.000
S. America	114.452.000	105.072.000
A. Central	64.393.000	59.563.000
Mexico	24.580.000	21.957.000
India.	13.193.000	12.326.000

Estatística agrícola e pastoril do Uruguay

Nacionalidade dos proprietarios	Valor das propriedades em dollars
Uruguayos	166.000.000
Italianos	35.900.000
Hespanhóes	34.275.000
Brasileiros	28.000.000
Inglezes	9.500.000
Varios	11.569.000

Exportação de instrumentos agrícolas dos Estados

	Valor em dollars	
	1905	1906
Ceifadoras e seus pertences	10.614.000	10.594.000
Charruas e cultivadores	2.696.000	3.131.000
Outros instrumentos	5.631.000	7.806.000
Total	18.972.000	21.531.000

Paizes importadores :

Brasil	160.000	84.000
Argentina	4.394.000	3.933.000
Cuba	219.000	106.000
Mexico	353.000	458.000
Chile	251.000	379.000

Receita para impedir a podridão das batatas — Uma revista americana aconselha irrigar as batatas com uma solução de 500 grammas de chlorureto de calcio e 54 litros de agua. Feito isto, deixem as batatas secar e guardem-nas em lugar enxuto e arejado.

Receita para conservar as fructas maduras — Ha já algum tempo que nos jardins de Kew (Inglaterra) se estão fazendo experiencias sobre a conservação das fructas maduras.

Admittindo com Pasteur que a podridão das fructas procede da acção de micro-organismos existentes sobre o pericarpo, os experimentadores procuraram destruir esses germens, como meio preventivo. As experiencias realizaram se sobre cerejas, groselhas, uvas, peras e morangos comprados directamente aos vendedores ambulantes das ruas.

Os experimentadores de Kew fizeram uma solução de agua pura contendo 3 % de formol do commercio (de 40 % de formol-aldehyde), immergiram varios fructos nessa solução durante dez minutos. De cada especie de fructa tratada pela solução de formol puzeram algumas de parte para servir de testemunha. As fructas postas de parte para testemunha apodreceram no lapso de poucos dias, enquanto as outras continuaram sãs e boas para serem comidas.

As peras não desinfectadas apodreceram no 10º dia

As cerejas e groselhas não desinfectadas apodreceram no 7º dia.

As uvas e morangos não desinfectados apodreceram no 4º dia.

Tambem desinfectaram maçãs, bananas e outros fructos tropicaes, obtendo-se sempre excellente resultado.

Observou-se que os fructos verdoengos, tratados pela solução de formol, acabam de amadurecer sem perder nenhuma das suas qualidades.

Os fructos que se comem inteiros, como os morangos, cerejas, etc., devem ser immergidos em agua fria, 5 a 10 minutos antes de serem comidos; quanto aos outros que se descascam, nenhuma precaução exigem.

Convém que os fructos, depois de desinfectados, sejam collocados em lugar enxuto e bem ventilado.

Esta receita é fornecida pelo *Bulletin of Miscellaneous Information de Kew*. Merece, pois, todo o credito.

Orçamento da Agricultura de S. Paulo para 1907

Serviço de immigração e colonização.	739:445\$000
Instituto Agronomico.	159:000\$000
Escola Agricola de Piracicaba	77:800\$000
Fazenda Modelo.	80:000\$000
Districtos Agronomicos	86:000\$000
Campos de experiencias e demonstração.	124:000\$000
Distribuição de mudas e sementes.	25:000\$000
Posto Zootechico Central	162:000\$000
Importação de animaes de raça.	50:000\$000
Subvenção ás escolas agricolas.	50:000\$000
Importação de machinas agricolas.	50:000\$000
Publicações agricolas.	60:000\$000
Viagens e commissões	60:000\$000
Serviço de estatistica e informações agricolas	50:000\$000
Exposições e demonstrações	30:000\$000
Serviço meteorologico.	30:000\$000
Horto Botanico.	20:000\$000
Total	1.864:245\$000

Faculdade de Veterinaria e Agronomia de Montevideo — Os jornaes, tanto uruguayos como estrangeiros, fazem elogiosas referencias á nova Faculdade que acaba de ser annexada á Universidade de Montevideo. O Governo do Uruguay convidou para dirigil-a ao Dr. Salmon, do Departamento da Agricultura de Washington, o qual deverá passar pela Europa, afim de allí adquirir os materiaes precisos para a montagem dos laboratorios, gabinetes e museu da futura instituição de ensino agronomico.

Movimento migratorio pelos portos do Rio e Santos em 1906

	Rio	Santos
Entradas de immigrants.	27.147	30.824
» » Portuguezes.	16.795	4.253
» » Italianos.	4.318	14.310
» » Hespanhóes	4.974	2.125

Durante o mesmo periodo sahiram de Santos 47.508 emigrantes.

Dos 27.147 immigrants descidos no Rio 23.344 eram do sexo masculino e 3.803 do feminino; 22.258 ficaram no Rio e 4.889 internaram-se.

Dos 47.508 emigrantes sahiram por Santos 27.421 eram italianos.

O trigo em França

	1905	1906
Area semeada	6.509.711 hectares	6.479.096 hectares
Produção.	118.212.850 hectolitros	114.432.500 hectolitros

Experimental Farming Brazil — Sob este titulo descreve o *Experiment Station Record*, do Ministerio da Agricultura de Washington, a Fazenda Modelo annexa á Escola Agricola de Piracicaba, no Estado de S. Paulo.

Segundo allí se lê, a Fazenda Modelo de Piracicaba tem uma area de 319 hectares, estando 50 em culturas e o restante em pastos, capoeiras e mattas. Possui a Fazenda 9.000 caféiros de diversas variedades, 400 videiras finas e mais de 100.000 mudas de laranjeiras e limoeiros para enxertos. Tem-se ensaiado as culturas de milho, arroz, trigo, alfafa, feijão velludo e outros muitos, empregando-se os mais modernos instrumentos.

Está junto á Fazenda Modelo a Escola Pratica de Agricultura, frequentada por mais de 40 alumnos.

A *Experiment Station Record* faz lisonjeiras referencias á nova instituição, vasada nos moldes americanos.

Quem deve sentir-se lisonjeado com tão honrosas referencias é o Sr. Dr. Carlos Botelho, graças a cujos esforços possui S. Paulo um instituto agricola digno de menção por parte de tão competente autoridade.

O problema da produção do trigo em terras do Brasil— A Sociedade Nacional de Agricultura, pelo órgão do seu digno Presidente, chama a atenção dos Srs. agricultores para o artigo que sae na *secção editorial* deste numero da « Lavoura », conceitando-os calorosamente a que ensaiem o cultivo do trigo, que, feito com vereladeiro criterio agronomico, poderá vir a ser uma das nossas mais importantes culturas, de relevantissimo alcance para o lavrador e para a nossa nacionalidade.

A Sociedade espera uma forte remessa das melhores variedades de trigo que melhor convêm ao nosso meio. Ensaieiros, pois, a cultura do trigo !

Exportação do Brasil. — A exportação de productos brasileiros foi a seguinte:

	Mil réis papel	Libras esterlinas
1902	735.940:000\$000	36.437.000
1903	742.632:000\$000	36.883.000
1904	776.367:000\$000	39.430.000
1905	685.458:000\$000	44.643.000
1906	799.000:000\$000	53.059.000

Como se vê, o augmento da exportação entre 1902 e 1906 é de 16.622.000 libras esterlinas ou cerca de 266.000:000\$000 ao cambio de 15 dinheiros por mil réis. Quando, porém, o Governo Federal e os dos Estados cuidarem seriamente de colonisação e agricultura, como felizmente já vão começando, a nossa exportação, em vez de 53.000.000 de libras, excederá certamente de mais 100 milhões esterlinos. Ha de vir, si cuidarmos seriamente, e desde já, de *colonisação, instrucção, viação e agricultura.*

Rendimento das Alfandegas Federaes

	1905	1906
Rio	82.746:000\$000	87.059:000\$000
Santos	36.797:000\$000	43.586:000\$000
Pará	26.047:000\$000	27.473:000\$000
Recife	20.267:000\$000	19.127:000\$000
Manáos.	11.566:000\$000	15.637:000\$000
Bahia	16.619:000\$000	15.315:000\$000
Rio Grande e Porto Alegre	17.314:000\$000	18.000:000\$000
Total	232.000:000\$000	270.400:000\$000

O assucar na Inglaterra. — Durante o anno de 1906 o Brasil figurou em 4º lugar como exportador de assucar para a Inglaterra, tendo introduzido alli 994.057 *cwts* (o «cwt» vale 50 kilos) que nos renderam 391.296 libras esterlinas.

Cada habitante do Reino Unido consumiu as seguintes quantidades de assucar:

	Libras de 490 grs.
Em 1895	85
» 1896	82
» 1897	80
» 1898	83
» 1899	83
» 1900	85
» 1901	93
» 1902	84
» 1903	82
» 1904	83,76
» 1905	74,22
» 1906	83,27

Leiam os nossos annuncios. — Chamamos a atenção dos Srs. lavradores para os nossos annuncios, pois referem-se a casas respeitabilissimas, que devem merecer inteira confiança aos Srs. agricultores.

« A Lavoura » só annuncia para as casas mais conceituadas do paiz e do estrangeiro. « A Lavoura » tira e distribue 5.000 exemplares mensaes !

Extinção dos gafanhotos no Districto Federal. —

A comissão para extinção dos gafanhotos no Districto Federal, em boa hora confiada ao zelo e operosidade do Dr. Paulino Cavalcanti, continúa a desempenhar a sua útil incumbencia a inteiro contento dos lavradores da zona rural do Districto. A matança de saltões tem sido total em muitos logares, não havendo escapado, quasi se póde affirmar, nem um daquelles terriveis insectos.

Teremos occasião de publicar uma interessante noticia a respeito, conforme nos promette o dr. Cavalcanti, cujo relatorio será brevemente entregue á publicidade.

Exportação do Estado do Paraná — Segundo os dados colhidos pelo Sr. Rosani Paroli, Consul da Republica Argentina no Paraguay, a exportação do Estado do Paraná para a Argentina e Uruguay, foi no anno de 1906, a seguinte:

	EXPORTAÇÃO	
	Argentina	Uruguay
Herva matte.	26.612.905 kilos.	10.514.805 kilos.
Madeiras	137.516 metros ³ .	19.199 metros ³ .
Fructas	409.000 volumes.	120.000 volumes.

O valor total da exportação para a Argentina, durante o anno, foi de 8.329.538,50 pezos ou seja em moeda nacional, ao cambio de 15, 11.536:403\$052 e para o Uruguay attingiu durante o anno a importancia de 3.230.274,80 ou seja ao cambio de 15, a quantia de 4.573:930\$593.

Exposição de flores e fructas em São Paulo — O operoso Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, Dr. Carlos Botelho, encarregou ao Sr. Julio Brandão Sobrinho, Inspector da Agricultura, de organizar uma exposição de fructas e flores, a qual terá logar do dia 4 ao dia 9 de março, na Secretaria da Agricultura daquelle Estado.

A cultura do arroz no Estado do Rio — O *Jornal do Comercio* de 22 de fevereiro, publicou o seguinte:

« O Sr. Dr. Alfredo Backer, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, recebeu hontem no Palacio do Ingã o Dr. Victorino Monteiro, com quem conferenciou longamente sobre a grande cultura de arroz que este tem na sua fazenda de Campos, e da proxima visita que a essas plantações fará o Dr. Bradford, Chefe da Repartição Agronomica de S. Paulo.

O Dr. Bradford foi convidado pelo Dr. Victorino Monteiro para assistir ás experiencias que vão ser feitas com a irrigação na cultura do arroz, tendo para isso obtido licença do Governo daquelle Estado.

O Dr. Alfredo Backer, que na qualidade de Presidente da Camara de Macahé muito se esforçara para que se desenvolvesse nesse municipio a cultura do arroz, mostrou-se muito interessado pelos resultados que tem obtido o Dr. Victorino Monteiro e prometteu a este todo o auxilio do seu Governo para que proseguisse no seu trabalho.

O Estado vai restituir, nos termos da lei, a esse agricultor, as quantias que o mesmo dispendeu com os direitos de importação dos machinismos destinados ao preparo do arroz.»

O trigo na Republica Argentina — A colheita do trigo na Republica Argentina está avaliada, na safra de 1907, em 4.230.000 toneladas. A maior parte dessa grande produção se: á fornecida pela provincia do Buenos Aires, que concorre com mais de metade.

A Equitativa e o Cooperatismo — Do ultimo balanço da Companhia Equitativa se evidencia a invejavel prosperidade daquelle importante companhia de seguros, cuja acção fôra para desejar se extendesse ao dominio dos seguros agricolas contra as geadas, saraiva, epizootias, secas e outros tantos riscos que dariam margem para grandes negocios. Fazemos votos para que a Equitativa inicie essas novas especies de seguros, que serão de grande utilidade para a lavoura nacional.

Factos Agricolas — Agradecendo ao Sr. Ferreira Paula o bem lançado artigo com que mimoseou *A Lavoura* pedimo-lhe que o faça mais amiudadamente, pois artigos como os — *Factos Agricolas* — são sempre recobidos com especialissimo agrado. Obrigados!

Quadro comparativo da renda de diversas repartições em janeiro de 1907 com a de janeiro de 1906

REPARTIÇÕES	RAZÃO DA DIFFERENÇA	1907	1906	DIFFERENÇA	DIFFERENÇA
1 Alfandega do Rio de Janeiro.	47 %	9.383:400\$000	6.338:166\$000	Para mais	3.008:233\$000
2 Alfandega de Santos	60 %	3.947:367\$000	2.475:183\$000	> >	1.472:183\$000
3 > da Bahia	93 %	1.565:762\$000	820:601\$000	> >	745:161\$000
4 > do Rio Grande.	106 %	1.108:002\$000	537:811\$000	> >	570:191\$000
5 > de Pernambuco	36 %	1.970:171\$000	1.454:011\$000	> >	516:160\$000
6 Recobedoria Federal	23 %	2.275:638\$000	1.861:273\$000	> >	414:365\$000
7 Alfandega de Porto Alegre	63 %	830:283\$000	508:217\$000	> >	321:930\$000
8 Alfandega do Ceará	53 %	501:...\$000	317:827\$000	> >	184:067\$000
9 > de Paranaguá.	115 %	29:...\$000	138:913\$000	> >	159:674\$000
10 > do Pará	5 %	2.472:53\$000	2.361:552\$000	> >	411:401\$000
11 Colletoria Federal em S. Paulo	20 %	501:251\$000	420:427\$000	> >	80:827\$000
12 Alfandega de Maciô	43 %	217:833\$000	144:933\$000	> >	62:950\$000
13 > do Espirito Santo	250 %	50\$417\$000	14:190\$000	> >	36:218\$000
14 Alfandega de Uruguayana	59 %	96:565\$000	60\$706\$000	> >	35:859\$000
15 Alfandega de Florianopolis.	31 %	143:602\$000	109:244\$000	> >	34:358\$000
16 Alfandega da Parahyba.	25 %	151:560\$000	120:851\$000	> >	30:718\$000
17 > de Aracajú.	39 %	54:796\$000	42:540\$000	> >	12:256\$000
18 > da Parnahyba.		47:219\$000	88:424\$000	> menos	41:205\$000
19 > do Natal.		7:850\$000	15:455\$000	> >	7:605\$000
20 > de Manaus.	5 %	1.336:423\$000	1.280:571\$000	> mais	55:852\$000
21 > do Maranhão.	133 %	437:522\$000	186:333\$000	> >	251:189\$000
22 > do Livramento		7:825\$000	13:931\$000	> menos	6:133\$000
23 > de Corumbá	21 %	133:435\$000	10:150\$000	> mais	23:285\$000

Livro util — Recebemos e agradecemos o interessante e util livro publicado pelo Dr. Teodoro Alvares, em Montevideo. Esse util trabalho, de que recebemos um exemplar, enviado pelo autor, sendo escripto para o Uruguay, serve igualmente para os Estados centro-meridianaes do Brasil, cujos agricultores o lerão com grande proveito.

O Dr. Teodoro Alvares, além de tratar dos principios geraes da agricultura, trata tambem do trigo, cevada, aveia, milho, batata, topinambur (cotufa) batata doce, beterraba (remolacha), linho, amendoim (mani), colza, algodoeiro, ramie, tabaco, trevo, alfafa, etc., etc.

Como se vê do elenco supra a obra do illustrado engenheiro agricola uruguayano, serve perfeitamente para nós.

Agradecemos a remessa.

A. Illuminação a alcool — Depois de largas experiencias a Estrada de Ferro Leopoldina resolveo adoptar a lampada Brasileira, do Sr. Manoel Galvão, para o serviço das estações onde não ha illuminação electrica.

Graças aos esforços da Sociedade Nacional de Agricultura, secundada por appalhos de merito incontestavel como o são as lampadas creadas pelo Sr. Manoel Galvão, a illuminação pelo alcool vae sahindo do dominio das ilêas para o terreno das coisas praticas, e é com justa satisfação que registramos este facto.

Exportação de Santa Catharina.— A exportação pelo porto de Itajahy, durante o mez de Novembro de 1903, foi no valor de 212:887:780 para os portos da União, conforme a tabella abaixo :

GENÉROS	QUANTIDADE PARA OS PORTOS		VALOR PARA OS PORTOS	
	Da União	Estrangeiro	Da União	Estrangeiro
Aboboras (unidade)	100	—	20\$000	—
Aguardente de canna (litro)	59 930	—	5:096\$000	—
Arroz pilado (kilo)	29.580	—	12:362\$400	—
Assucar mascavo (kilo)	195.420	—	19.542\$000	—
Bagres secos (milheiros)	5.400	—	216\$000	—
Banhas (kilo)	59.424	—	59.424\$000	—
Batatas »	1.420	—	142\$000	—
Cambotas para carretas (cento)	903	—	298\$930	—
Canôa (unidade)	601	—	30\$000	—
Carne em salmoura ou fumada (kilo)	3.639	—	2:183\$300	—
Charutos (milheiro)	8 000	—	80\$000	—
Esteiras de pery (milheiro)	1.800	—	410\$000	—
Farinha de araruta (kilo)	1.676	—	660\$000	—
Idem de mandioca (kilo)	3.155	—	221\$550	—
Fructas em gelêa (kilo)	025	—	20\$000	—
Gallinhas (unidade)	240	—	240\$000	—
Lenhas em achas (milheiro)	6 000	—	24\$000	—
Linguica (kilo)	512	—	46\$800	—
Manteiga (kilo)	31.528	—	53:153\$800	—
Mei de abelhas (kilo)	050	—	25\$000	—
Ovos (duzia)	410	—	126\$000	—
Perús (unidade)	025	—	104\$000	—
Polvilho ou gomma (kilo)	2.350	—	282\$000	—
Pranchões (duzia)	051,5/12	—	1:142\$050	—
Ripas de gissaras de 9 palmos para estuque (milheiro)	415	—	664\$250	—
Solla (kilo)	1 870	—	2:431\$000	—
Taboas de costadinho (duzia)	3.388,11/12	—	48:236\$500	—
Taboas para caixinhas m. e.	24.900	—	3:538\$500	—
Vassouras de cipó (milheiro)	2.425	—	126\$500	—
Vermicida (kilo)	014	—	280\$000	—
			212:887\$780	

PARTE COMMERCIAL

Importação de generos agricollas de origem estrangeira pelo porto do Rio de Janeiro, durante o mez de janeiro de 1907

GENÉROS IMPORTADOS	QUANTIDADES	PREÇOS
Alfafa	32.530 fardos . .	\$150 a \$160 o kilo.
Arroz	3.694 saccoes . .	27\$000 » 28\$500 » sacco,
Azeite	1.332 caixas . .	24\$000 » 28\$000 16 litros.
Bacalhão	10.202 tinas . .	51\$000 » 53\$000 a tina.
	3.574 caixas . .	42\$000 » 55\$000 a caixa.
	20 barris.	

Stock a 31 de janeiro de 1907 — 7.000 volumes.

Banha	{ 2.750 barris . . . }	{ 1\$560 a 1\$600 o kilo.
Carne secca	{ 150 caixas . . . }	{ \$740 » \$100 o kilo.
Chá da India	{ 18.319 fardos . . }	{ 6\$500 » 9\$500 o kilo, verde.
Ervilha	{ 267 caixas . . . }	{ 6\$000 » 9\$900 o kilo, preto.
Feijão	{ 40 saccoes . . . }	{ \$600 » \$640 o kilo.
Farinha de trigo	{ 70 saccoes . . . }	{ 22\$000 » 23\$500 o sacco.
Existencia em trapiche a 31 de janeiro de 1907 —	9000 barricas.	
Genebra	230 caixas . . .	23\$500 a 29\$000 caixa de duzia.
Manteiga	650 caixas . . .	1\$800 » 2-58) o kilo.
Pimenta da India	15 saccoes . . .	1\$150 » 1\$500 o kilo.
Pinho succo	270.482 pés . . .	80\$000 » 82\$000 a duzia.
Pinho resina	1.098.628 » . . .	115\$000 » 120\$000 a duzia.
Pinho americano	15.997 » . . .	— \$280 o pé.
Presunto	249 caixas . . .	3\$800 » 4\$400 o kilo.
Toucinho	5 barris . . .	— — preços nominaes.
Vinhos	{ 2.888 pipas . . . }	{ 280\$000 » 540\$000 }
	{ 11.961 caixas . . }	{ }
	{ 523 quartolas }	{ }

Preços dos generos alimenticios no Rio de Janeiro, em janeiro de 1907

Em saccoes :

	1ª quinzena	2ª quinzena
Feijão preto do Porto Alegre, novo	19\$900 a 20\$000	17\$500 a 18\$500
Dito velho	12\$000 » 14\$000	12\$000 » 14\$000
Dito idem de Santa Catharina	Não ha	Não ha
Dito de cores, nacional	16\$000 a 18\$000	13\$000 a 18\$000
Dito branco, estrangeiro	22\$500 » 24\$000	22\$000 » 23\$000
Dito amendoim, idem	22\$500 » 24\$000	22\$500 » 23\$000
Farinha de mandioca, especial	9-000 » 9\$500	9\$000 » 9\$500
Dita idem, fina	8\$500 » 9\$000	8\$500 » 9\$000
Dita idem, peneirada	8\$000 » 8\$500	8\$000 » 8\$500
Dita idem, do Norte	6\$800 » 7\$200	6\$800 » 7\$200
Dita idem, grossa, Laguna	6\$300 » 7\$200	6\$800 » 7\$200
Dita idem, idem, Porto Alegre	6\$300 » 7\$200	Não ha
Arroz nacional	27\$000 » 29\$000	26\$000 a 28\$000
Dito inferior	22\$000 » 25\$000	22\$000 » 25\$000
Dito da India	— 23\$000	23\$000 » 28\$500
Milho amarello do Norte	7\$400 » 7\$600	7\$000 » 7\$000
Dito idem, da terra	7\$400 » 7\$600	7\$000 » 7\$200
Dito branco, idem	6\$500 » 7\$000	Nominal
Amendoim em casca	5\$000 » 5\$500	5\$000 a 5\$500
Farelo	2\$200 » 2\$500	—
Cangica	16\$000 » 20\$000	17\$000 a 19\$000
Favas	— » 10\$000	Não ha

Em kilogrammas :

Ervilhas	\$620 a \$640	\$600 a \$620
Alpiste	\$380 » \$400	\$380 » \$400
Fubá de milho	\$140 » \$200	\$130 » \$200
Matte em folha	\$500 » \$600	\$500 » \$600
Tapioca	\$200 » \$280	\$200 » \$300
Polvilho	\$220 » \$240	\$210 » \$280
Carne de porco	1\$000 » 1\$040	1\$000 » 1\$100
Manteiga do Sul	2\$000 » 2\$200	—
» de Minas	2\$300 » 2\$800	—
Linguas do Rio Grande	1\$400 » 1\$500	1\$400 » 1\$500

Assucar no Rio de Janeiro em 1907

1ª QUINZENA

Neste periodo entraram 45,262 saccoes, sendo de Pernambuco, 3.412; Sergipe, 28.225; Maceió, 1.700; Campos, 10.285; Parahyba, 1.500 e diversas proceden-

cias do Sul, 140; as sahidas dos trapiches foram de 58.838 saccos, orçando-se a existencia em 210.541 saccos :

Os preços regularam como se segue :

Pernambuco :

Branco crystal	\$300	a	\$310
Mascavados	\$210	»	\$270
Crystal amarello.	\$240	»	\$215
Mascavo bom.	\$165	»	\$170
Dito regular	\$150	»	\$160

Campos :

Branco crystal	\$310	a	\$320
--------------------------	-------	---	-------

Sergipe :

Branco crystal	\$290	a	\$300
Crystal amarello.	\$240	»	\$250
Mascavinho	\$200	»	\$170
Mascavo bom.	\$165	»	\$170

2ª QUINZENA

Neste periodo entraram 103.068 saccos de diversas procedencias. As sahidas dos trapiches foram de 70.919 saccos, calculando-se a existencia de 242.690 saccos.

Regularam os seguintes preços :

Branco usina	\$120	a	\$140
Dito crystal	\$380	»	\$390
Dito 3ª sorte	\$360	»	\$370
Somenos	\$270	»	\$280
Mascavinho	\$260	»	\$340
Crystal amarello.	\$300	»	\$320
Mascavo bom.	\$220	»	\$210
Dito regular	\$200	»	\$210
Dito velho.	\$180	»	\$190

Campos :

Branco crystal	\$400	a	\$410
Mascavinho	\$280	»	\$300

Sergipe :

Branco crystal	\$360	»	\$380
Crystal amarello.	\$290	»	\$300
Mascavinho	\$260	»	\$340
Mascavo bom.	\$220	»	\$240
Dito regular	\$200	»	\$240
Dito baixo.	\$180	»	\$190

Bahia :

Crystal branco	\$400	»	\$420
--------------------------	-------	---	-------

Aguardente no Rio de Janeiro em 1907

1ª QUINZENA

Durante a quinzena o mercado deste liquido esteve bem collocado, em consequencia não só da procura que se desenvolveu, como das entradas que foram pequenas, sommando em 492 pipas de diversas procedencias, e os preços subiram, fechando o mercado firme.

Os preços por pipa de 480 litros, base de 20 grãos, foram os seguintes :

Campos	85\$000	a	90\$000
Angra	90\$000	»	95\$000
Paraty	100\$000	»	105\$000
Maceió	90\$000	»	95\$000
Aracajú	90\$000	»	95\$000
Pernambuco	90\$000	»	95\$000
Bahia.	80\$000	»	85\$000
Parahyba	90\$000	»	95\$000
Laguna	95\$000	»	100\$000
Itajahy	95\$000	»	100\$000
Mangaratiba	95\$000	»	100\$000
Paranaguá	95\$000	»	100\$000

2ª QUINZENA

Os supprimentos recebidos constaram de 206 pipas de diversas procedencias e o mercado fechou firme, com probabilidade na quinzena proxima de registrar-se preços mais elevados.

Os preços por pipa de 480 litros, base de 20 grãos, foram os seguintes :

Campos	95\$000 a 100\$000
Angra	95\$000 » 100\$000
Paraty	100\$000 » 105\$000
Maceió	95\$000 » 100\$000
Aracajú	95\$000 » 100\$000
Pernambuco	95\$000 » 100\$000
Bahia	85\$000 » 90\$000
Parahyba	95\$000 » 100\$000
Laguna	100\$000 » 105\$000
Itajahy	100\$000 » 105\$000
Mangaratiba	100\$000 » 105\$000
Paranaguá	100\$000 » 105\$000

Alcool no Rio de Janeiro em janeiro de 1907

1ª QUINZENA

Como na quinzena anterior, o mercado esteve firme, obtendo todas as qualidades alta nos preços. As entradas verificadas foram regulares para a época presente e orçaram em 546 volumes de diversos centros productores; a procura, porém, teve algum augmento e realizaram-se negocios regulares, fechando o mercado firme ás cotações que fornecemos, sem o casco :

40 grãos.	130\$000 a 135\$000
38 »	120\$000 » 135\$000
36 »	110\$000 » 115\$000

2ª QUINZENA

Durante a quinzena que passamos em revista, o mercado deste liquido esteve firme, tendo os preços subido em cerca de 20\$ por pipa, devido aos avisos do Norte. Os compradores entraram em negocios mais desenvolvidos, receiosos de maior alta futura nos preços, fechando o mercado firme e com entradas orçadas em 315 volumes.

Os preços por pipa foram os seguintes, sem o casco :

40 grãos.	140\$000 a 145\$000
38 »	130\$000 » 135\$000
36 »	120\$000 » 125\$000

Algodão no Rio de Janeiro, em janeiro de 1907

1ª QUINZENA

Continuou firme o mercado desta fibra, com alta nos preços, mas os negocios foram pequenos por não quererem as principaes fabricas submeter-se ás exigencias dos possuidores, que pedem preços cerca de 10 % acima da paridade dos de Liverpool.

O movimento geral foi o seguinte :

Algodão em rama :

Existencia em 31 de dezembro de 1906.	Fardos	8.982
Entradas :		
Mossoró	4.962	
Assú	3.456	
Natal	2.500	
Sergipe	2.000	
Pernambuco	700	
Parahyba	200	
Penedo	112	13.920
Sahidas dos trapiches.		22.902
		7.344
Existencia em 15 de janeiro de 1907		15.558

Preços :

Pernambuco	11\$000	a	14\$100
Rio Grande do Norte.	10\$000	»	11\$000
Parahyba	10\$300	»	10\$800
Penedo.	9\$800	»	10\$900
Sergipe.	9\$500	»	9\$800

2ª QUINZENA

Esteve firme com negocios regulares realizados na primeira semana da quinzena, acalmado-se depois e fechando estavel. Em Liverpool as oscillações foram sem importancia, mantendo-se o mercado quasi estacionario.

O movimento geral do mercado foi o seguinte :

Existencia no dia 15	Fardos	15.558
Entradas :		
Sergipe	3.591	
Mossoró	917	
Penedo	350	
Parahyba	70	
Pernambuco	50	4.981
		<hr/>
		20.539
Sahidas dos trapiches		12.367
		<hr/>
Existencia no dia 31		8.172

Preços :

Pernambuco	10\$700	a	11\$000
Rio Grande do Norte	10\$400	»	10\$800
Parahyba	10\$300	»	10\$600
Penedo.	10\$000	»	10\$500
Sergipe.	9\$000	»	9\$800

Tabaco no Rio de Janeiro em janeiro de 1907

As cotações foram as seguintes :

Fumo em rolo :

	1ª quinzena	2ª quinzena
De Minas, especial	1\$500	1\$500
» » superior	1\$300	1\$300
» » 2ª	1\$000	1\$000
» » ordinario	\$300	\$800
Goyano, superior	2\$100	2\$400
» 2ª	1\$700	1\$700
» baixo	Nom.	Nom.
Rio Novo, superior	2\$600	2\$600
» » 2ª	1\$800	1\$800
» » baixo	1\$200	1\$200
Pomba, superior	1\$600	1\$600
» 2ª	1\$200	1\$200
» baixo	Nom.	Nom.
Carangola	1\$600	1\$600
Picú, especial	2\$800	2\$800
» 1ª	2\$000	2\$000
» 2ª	1\$200	1\$200
Bahia.	1\$100	1\$100
Pernambuco	\$600	\$600

Fumo em folha :

Rio Grande, 1ª escolha	\$600	\$600
» » 2ª »	\$500	\$500
Bahia 1ª »	1\$500	1\$500
» 2ª »	\$900	\$900
» 3ª »	\$500	\$500
» 4ª »	\$400	\$400

O café no Rio de Janeiro em janeiro de 1907

	Saccos
Entradas do mez	456.631
Embarques	320.302
Vendas	392.000
Existencia em 31 de janeiro de 1907	657.274

PREÇOS DE VENDA POR ARROBA

	1ª quinzena	2ª quinzena
Typo n. 6.	7\$400	7\$000
» » 7.	5\$600 » 6\$200	5\$600 » 6\$200
» » 8.	5\$200 » 6\$000	5\$200 » 5\$600
» » 9.	5\$000 » 5\$800	5\$000 » 5\$700

O café em Santos em janeiro de 1907

	Saccos
Entradas	1.432.086
Sahidas	679.823
Existencia a 31 de janeiro de 1907	2.894.136

PREÇO DE VENDA POR 10 KILOS

	1ª quinzena	2ª quinzena
Typo n. 6.	4\$766	4\$766
» » 7.	3\$813 » 4\$221	3\$813 » 4\$221
» » 8.	3\$540 » 4\$085	3\$540 » 4\$017
» » 9.	3\$404 » 3\$919	3\$404 » 3\$881

O café no estrangeiro em janeiro de 1907

1ª QUINZENA

Em Nova York o n. 7, disponível, subiu de 7 1/8 c. por libra nos tres primeiros dias de negocio a 7 1/4 c. em 5 e 7, baixando depois a 7 1/8 c. em 8, 9 e 10; a 7 c. em 11 e a 6 7/8 c. em 12, 14 e 15.

Na bolsa as cotações subiram de 5,55 c., no dia 2; a 2,80, no dia 5; sendo esta a cotação mais alta da quinzena, depois foram caindo constantemente e sem reacção, até que no dia 15 se registrou a mais baixa 5,20 c.

Foram vendidas 733.000 saccas, contra 634.000 na quinzena precedente.

Na Bolsa do Havre os preços subiram a 40 francos, em 2; a 41,25, em 5, baixando sempre dahi por deante até 36,75 c., em 14; mas fechando 37 francos no dia 15.

Vendas 557.000 saccas, contra 325.000 ditas na segunda quinzena de dezembro.

A Bolsa de Hamburgo abriu a cotação de 32 pfennigs, que se elevou até 32,75, em 5; para depois ir declinando até 29,25, em 14; em 15 houve ligeira reacção, terminando a quinzena com a cotação de 30 pfennigs.

Venderam-se 415.000 saccas, contra 138.000 ditas na quinzena anterior.

As cotações na Bolsa de Londres subiram a 31 s. 9 d., no dia 2; a 32 s. 6 d., no dia 5; a partir de então baixaram sempre até 29 s., no dia 14. Em 15 houve pequena reacção, vigorando o preço de 29 s. 6 d.

Vendas da quinzena 144.000 saccas, contra 70.000 ditas na ultima quinzena de dezembro.

Total das vendas nas quatro bolsas aqui declaradas 1.849.000 saccas, contra 1.167.000 ditas na quinzena anterior.

2ª QUINZENA

Em Nova York o n. 7, disponível, foi cotado a 7 c. por libra durante toda a quinzena, com excepção dos dias 16 e 17 em que o foi a 6 7/8 c. e no dia 28 em que alcançou a cotação de 7 1/8 c.

Na bolsa os preços subiram a 5.20 c., no dia 16; a 5.55 c., nos dias 23, 25, 26 e 30, tendo vigorado nos demais dias os seguintes: 5.30 c., em 19; 5.35 c., em 17, 18 e 21; 5.45 c., em 29; 5.50 c., em 22, 24, 28 e 30.

Vendas 725.000 saccas, contra 733.000 ditas na quinzena anterior, o que perfaz o total de 1.458.000 saccas em janeiro, contra 1.369.000 ditas em dezembro.

Na Bolsa do Havre os preços subiram a 37 francos, em 16; a 40 francos, em 31, tendo sido os dos outros dias os seguintes: 38, em 18 19 e 20; 38,25, em 17; 38,75, em 22; 39, em 23, 24, 25, 26 e 29; 39,25, em 30 e 30,75, em 28.

Venderam-se 608.000 saccas, contra 557.000 na quinzena precedente, ou sejam 1.165.000 saccas em janeiro, contra 921.000 ditas em dezembro.

O preço mais baixo registrado na Bolsa de Hamburgo foi de 29 pfennigs, em 16 e o mais alto 32,25, em 23 e 31; nos outros dias vigoraram os que se seguem: 29,75, em 17; 30,25, em 18 e 21; 30,50, em 22; 30,75, em 19; 31, em 23 e 25; 31,25, em 24, 26 e 29 e 31,50 em 30.

Foram vendidas 472.000 saccas, contra 415.000 ditas na quinzena anterior, sommando as vendas em janeiro em 887.000 saccas, contra 607.000 ditas em dezembro.

Na Bolsa de Londres as cotações extremas foram 28 s. 6 d., em 16 e 31 s. 6 d., em 31, tendo vigorado nos demais dias os seguintes: 29 s. 3 d., em 18; 29 s. 6 d., em 17 e 21; 29 s. 9 d., em 19; 30 s., em 22; 30 s. 3 d., em 24; 30 s. 6 d., em 23, 25, 26 e 29 e 31 s. 3 d., em 28 e 30.

Vendas da quinzena 174.000 saccas, contra 144.000 ditas na anterior, ou sejam 318.000 saccas em janeiro, contra 237.000 ditas em dezembro.

Total das vendas nas quatro bolsas acima nomeadas 1.979.000 saccas, contra 1.849.000 ditas na quinzena anterior, perfazendo um total de 3.828.000 saccas em janeiro, contra 3.125.000 ditas em dezembro.

Fretes do Rio

1ª QUINZENA

Londres	40 shil.
Liverpool	35 shil.
Antuerpia	40 shil.
Hamburgo	40 shil.
Bremen	40 shil.
Havre	40 frs.
Bordéos	35 frs.
Marselha	40 frs.
Genova	35 frs.
Trieste	40 shil.
Nova York	35 c.
Nova Orleans	35 c.

2ª QUINZENA

Londres	40 shil.
Liverpool	35 shil.
Antuerpia	40 shil.
Hamburgo	40 shil.
Bremen	40 shil.
Havre	40 frs.
Bordéos	40 frs.
Marselha	40 frs.
Genova	40 frs.
Trieste	40 shil.
Nova York	35 c.
Nova Orleans	35 c.

Mercado monetario em janeiro de 1907

CAIXA DE CONVERSÃO

Existencia em 31 de janeiro ultimo :

Libras esterlinas	3.815.187,10
Francos	2.013.060
Marcos	4.170
Dollars	480
Liras	40
Coroas austriacas	430
Pesos argentinos	10
Pesetas hespanholas	75
Ouro nacional	20.590\$000

O cambio em janeiro de 1907

1ª QUINZENA

O mercado esteve calmo, mas bem sustentado, apesar de ter sido muito restricto o movimento. Os negocios foram realizados a 15 3/8 a 15 15/32 d. para as letras bancarias, e de 15 7/16 a 15 17/32 d., para outro papel. O valor official de mil réis, papel, foi de 751 réis ouro. Agio 75,25 a 75,61 %. Soberanos 15\$587 a 15\$610, e fóra da Bolsa 16\$025 a 16\$050.

Extremos das cotações officias :

Londres 90 d/v	15 3/8 a	15 13/32 d.
Paris 90 d/v	\$618 »	\$623
Hamburgo 90 d/v.	\$764 »	\$768
Italia 3 d/v	\$628 »	\$633
Portugal 3 d/v	353 »	357 %
Nova York, á vista	3\$261 »	3\$284
Vales, ouro.	1\$774 »	1\$777

O valor official de mil réis, papel, foi de 571 réis, ouro. Agio 75,25 a 75,61 %. Soberanos 15\$587 a 15\$610 e fóra da Bolsa 16\$025 a 16\$050.

Extremos das cotações officias :

Londres 90 d/v	15 3/8 a	15 13/32 d.
Pariz 90 d/v	\$619 »	\$623
Hamburgo d/v.	\$674 »	\$768
Italia 3 d/v.	\$629 »	\$633
Portugal 3 d/v.	353 »	357 %
Nova York, á vista	3\$258 »	3\$282
Vales, ouro.	1\$774 »	1\$777

Extrahido do serviço commercial do *Jornal do Commercio*.

Productos Tropicaes em Londres a 20 de novembro de 1907

Aloes 15 a 60 sh.	por	cut
Araruta — 2 1/4 d a 2 3/8	»	libra
Guttapercha—1/5 a 2 sh.	»	»
Cera de abelha £ 7 e 10 s. a £ 7 e 15 s.	»	cut
Cacao—66/ a 82/	»	»
Cardamomo—11 d. a 3/	»	libra
Café Jamaica—42/	»	cut
Algodão—6,45 d.	»	libra
Toranja—7/ a 10/	»	caixa
Bananas 4/ a 4/6	»	cacho
Limões 3/ a 3/3	por	caixa de 200
Laranjas—8/ a 10/	»	»
Abacaxis—1/6 a 6/4	cada	fructo
Gengibre—57/ a 64/	por	cut
Mel—20/ a 20/6	»	»
Noz de kola—2 1/2 d. a 6 d.	»	libra

- La Semaine Agricole* — 26.º anno, n. 1338.
L'Apiculteur — 51.º anno, n. 1.
Le Mois Agricole — Anno 1.º n. 1.
L'Éleveur. — 22º anno, ns. 1147 e 1148.
Bulletin de la Société des Viticulteurs de France et d'Ampélographie. — N. 1, de janeiro de 1907.
Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France. — 20º anno, ns. 469.
La France Coloniale. — 10º anno, n. 24 e 11º n. 1.
Revista Vitivinícola Argentino. — Anno III, n. 24.
Revista Mensual de la Camara Mercantil, de Avellaneda, (Rep. Argentina). — Anno VII, n. 75.
Revista Ilustrada de la Zapateria, de Buenos-Aires. — Anno VII, n. 85.
Revista de la Asociación Rural del Uruguay. — Anno XXXV, n. 24, e anno XXXVI, n. 1.
Anales de la Asociación de Ganaderos. — Anno 2º, n. 17.
Boletín de la Sociedad Nacional de Agricultura, de Santiago (Chile). — Vol. XXXVII, n. 32.
Boletín de la Sociedad de Fomento Fabril. — Anno XVIII, n. 12.
Boletín de la Sociedad Agrícola del Sur, de Concepción (Chile). — Vol. VII, n. 1.
Boletín Oficial de la Secretaría de Agricultura, Industria y Comercio, da Rep. de Cuba. — Vol. ns. 6 e 7.
Revista del Ministerio de Obras Públicas y Fomento, da Rep. de Columbia. — Anno I, Tomo 1, n. 9.
Revista Nacional de Agricultura, de Bogotá. — Anno I, n. 15.
El Agricultor Peruano. — Anno IX, ns. 157 a 160.
Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa. — Vol. VIII, n. 9.
Portugal Agrícola. — 18º anno, n. 1.
Bollettino Tecnico della Coltivazione dei Tabacchi, do R. Istituto Sperimentale di Scafati (Salerno). — Anno V, ns. 1 a 5.
L'Art del Pagès — Anno XXXI, ns. 829 e 830.
O Economista Brasileiro. — Vol. I, n. 25.
Boletim do Comité Central dos Sindicatos Agrícolas dos Estados Assucareiros. — Anno II, n. 3.
Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. — Tomo 71.
Jornal dos Agricultores, da Capital. — Anno VII, n. 1.
Boletim da Intendencia Municipal, desta capital. — Anno XLIV, julho a setembro.
Brazilian Review.
Etoile du Sud.
Revista Commercial e Financeira,
O Amigo da Mocidade, etc.
Estatística Demographo Sanitaria, boletins mensaes e hebdomadarios.
Revista Agricola, de S. Paulo. — N. 133.
Boletim da Agricultura, do Estado de S. Paulo. — 7ª série, n. 12.
O Criador Paulista. — Anno I, n. 12.
Bollettino della Camera Italiana di Commercio ed Arti in São Paulo. — Anno V, n. 37.
Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife. — Anno XIII.
Boletim Mensal da Associação Commercial de Pernambuco. — Anno II, n. 40.
Boletim, da União dos Syndicatos Agrícolas de Pernambuco. — Anno I, n. 1.
Revista Agricola, de Aracajú. — Anno III, ns. 47 e 48.
Revista Agricola, do Alagoas. — Anno VI, n. 6.

Pequeno Tratado de Agricultura Tropical, por H. A. Alford Nicholls. Esta obra traduzida do francez pelo Sr. José Theophilo Carneiro de Mendonça e impressa a expensas do governo do Pernambuco constitue uma boa contribuição para a nossa agricultura.

Relatorio da Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura — 1905 e 1906.

Sociedad Rural Santafeína. 6ª Exposição Nacional Ganadera, Agricola e Industrial.

University of Wisconsin — Twenty second annual report.

Relatório da Secretaria de Estado dos Negocios das Obras P'ublicas — (Rio Grande do Sul) — 1906.

Relatório apresentado à Camara Municipal de Petropolis pelo seu presidente Dr. Arthur de Sá Earp, em Janeiro de 1907.

Relatório apresentado à Camara Municipal de Cataguazes pelo agente executivo Coronel Joaquim Gomes de Araujo Porto.

Orçamento do municipio de Santa Borja para o anno de 1907.

CALENDARIO AGRICOLA



do

MEZ DE JANEIRO

O mez de Janeiro é, nos Estados Centro—meridionaes do Brasil, o mez das grandes invernaças e de fortes calores, acontecendo ás vezes em seu decurso, haver dias seguidos de grande calor sem chuva alguma—é o *veranico*.

O *veranico* é o terror dos agricultores do centro e sul do paiz.

Tudo destroe e perturba, liquidando por completo as roças de milho e arrozaes.

No Norte do paiz ainda se cortam cannas de assucar e começam-se as roçadas para as plantações de inverno, as quaes vão de Fevereiro a Maio; no sul é o mez do amadurecimento das fructas tropicaes e europeas.

Assim é que se colhem em Janeiro: as uvas, os pecegos, as ameixas, as maçãs, as pêras, os kakis, os damascos, as cerejas, os abacates, as mangas, as goiabas, os araçás, as guabiobas, mamões, pinhas, e as anonaceas em geral, romãs, jacas, jambos, bananas; ainda ha abicaxis atrasados, cajús atrasados, etc., etc.

Neste mez o milho plantado cedo começa a madurar.

Além das colheitas de fructas, ha outras occupações para os lavradores, como sejam, pequenas queimadas (quando ha *veranico*.) a lavoura da terra para as plantações de fim de Janeiro a Abril, etc., etc

Neste mez prepara-se terra para o plantio do feijão do tempo que se planta do fim de Janeiro a Março.

Ja não se cortam madeiras e não se castram animaes e nem se incubam ovos.

Nas regiões mais frias onde costuma cair geada começam-se as plantações de feijão desde fim de Janeiro; fazem-se pequenas plantações de cannas, de mandiocas e inicia se a sementeira das hortaliças, em logar que se possa abrigar á vontade.

Do que fica dito deve se concluir que Janeiro é o mez das fructas e dos primeiros plantios do inverno.

No Rio Grande do Sul termina-se em começo de Janeiro a colheita do centeio, do trigo, da cevada, da aveia e da batata.

ESTATUTOS.

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admitte as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

4.º Serão associados as corporações de character official e as associações agricolas, filiaças ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

REGULAMENTO

CAPITULO IV

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados, quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua acceitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem poderão receber o diploma sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do parographo anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á Sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

SUMMARIO



	PAGOS.
Informações Agricolas	1
O problema de produção industrial do trigo no Brasil.	9
Factos Agricolas	27
Os germens da trichina no sangue do porco.	30
Immigração japoneza.	31
Um horticultor magico.	33
Discurso do Dr. Luiz de Oliveira Bello sobre a evolução agricola.	36
Legislação rural.	38
Variedades	43
Parte Commercial	51

